Homenagem à Sonia Maria Ranincheski

. Sonia Maria Ranincheski: militante comunista, destacada pesquisadora, professora querida <i>Anita Leocadia Prestes</i>	9
. Revisão por pares em agências de fomento: Agradecimento à Professora Sonia Ranincheski <i>Abílio Afonso Baeta Neves e Concepta McManus</i>	14
. Homenagem à Sonia Ranincheski <i>Benício V. Schmidt</i>	23
. Remembering Sonia Ranincheski <i>Biorn Maybury-Lewis</i>	25
. Sonia Ranincheski: Defender Cuba, una cuestión de principio <i>Caridad Massón Sena</i>	32
. A vida como força transformadora <i>Camilo Negri e Flávio Marcelo Busnello</i>	38
. Sonia Ranincheski y su relación con la Universidad de Barcelona, España <i>Nuria Rodríguez Ávila</i>	41
. Nossa professora e orientadora <i>Equipe CESPRI</i>	44
. Sonia Ranincheski, minha orientanda <i>Fernanda A. da Fonseca Sobral</i>	53
. Chercheure invitée au CESPRA-EHESS <i>Gilles Batallion</i>	56
. Estudar é a maior rebeldia dos pobres <i>Ana Paula Fraga, Carla Mendonça, Luana Isabelle Beal e Marielli Bittencourt</i>	59
. Um projeto a continuar... <i>Marcello Baquero</i>	64

Sonia Maria Ranincheski: militante comunista, destacada pesquisadora, professora querida

Anita Leocadia Prestes

Sonia Maria Ranincheski nasceu em dois de maio de 1965, na cidade de Alvorada, região metropolitana de Porto Alegre, estado do Rio Grande do Sul, filha de Miguel Ranincheski e Leci Maria de Fraga Ranincheski, segunda de quatro filhos.

Sua família era humilde e simples, com poucos recursos, mas muita dignidade. Embora em alguns momentos tenham sobrevivido no limite da fome, seus pais – e em especial sua mãe – sempre lutaram para que os filhos tivessem o melhor que lhes poderiam dar. Os quatro filhos – Tânia, Sonia, Everaldo e Miguel Jr. – foram sempre estimulados a estudar, o que não era usual em famílias pobres da periferia, como é o caso de Alvorada, então cidade dormitório de Porto Alegre e uma das mais violentas do Rio Grande do Sul. Dois filhos cursaram universidade pública, a UFRGS, com destaque para Sonia, dado seu precoce interesse pelo estudo e pela leitura.

Sua mãe sempre dizia que Sonia lia tudo o que lhe vinha às mãos, com uma vontade enorme de saber o que acontecia no mundo, sempre afirmando que desejava ser professora. O hábito de leitura, a vontade de conhecer o mundo e a vocação para o magistério acompanhariam Sonia por toda a vida.

Estudou em escolas da periferia, com limitadas condições de ensino. No entanto, foi aprovada na melhor universidade do estado. Em 1984 ingressou na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, no curso de História, concluído em 1988. Durante a sua graduação, trabalhou como bolsista para o próprio sustento e iniciou o percurso de pesquisadora com importantes professores da universidade, entre os quais se destacam Sandra Pesavento, Paulo Vizentini e Pedro Dutra Fonseca. Também na universidade, no primeiro ano de faculdade, aproximou-se do grupo de esquerda constituído pelos comunistas que se orientavam com as posições revolucionárias de Luiz Carlos Prestes, o que em grande medida influenciou sua vida.

A jovem Sonia sempre se mostrou indignada com a miséria e com as desigualdades que conhecia e vivenciava no seu cotidiano; também durante a universidade pôde observar as diferenças de classe: pessoas como ela puderam estudar morando em casa de estudante, fazendo três refeições por dia no restaurante

universitário, contrastando com jovens de alto poder aquisitivo. No entanto, nunca usou sua condição de classe como refúgio ou desculpa; um amigo seu escreveu: “a Sonia encarnou a frase ‘para quem nasce pobre, estudar é o maior ato de rebeldia’” (esta frase foi inscrita em sua lápide pela família).

A indignação com as desigualdades sociais não se transformou em rebeldia oca, mas foi canalizada para a militância política e o estudo sério. Na universidade, ingressou na organização comunista “prestista”, militando junto com outros camaradas pela revolução socialista no Brasil. Também desenvolveu, durante seu curso de graduação, um forte sentimento internacionalista, resultante da militância comunista, do estudo e do convívio com estudantes de outros países latino-americanos na casa de estudantes. Sua militância estudantil serviu tanto para aprofundar suas convicções comunistas como para fazê-la perceber que precisava estudar muito para entender a realidade que pretendia transformar.

Formada em História em 1988, foi imediatamente trabalhar para o seu sustento e para ajudar a família. Tornou-se professora em escolas públicas e privadas de ensino fundamental e médio, sem abandonar a militância política junto aos camaradas “prestistas”. Em 1993, ingressou no mestrado em Ciência Política na mesma universidade (UFRGS) em que cursara a graduação, iniciando uma nova etapa de sua carreira como professora. Concomitante com o mestrado, começou a lecionar no ensino superior, no início como professora substituta na Universidade Federal do Rio Grande (FURG), em Rio Grande (RS), e posteriormente no Centro Universitário La Salle (Canoas), perto de Porto Alegre. Durante esse período, se destacou como pesquisadora e organizadora de eventos sobre temas históricos, um dos quais contou com a participação da Professora Anita Leocádia Prestes (este evento merece destaque, pois Sonia teve que convencer os conservadores irmãos lassalistas de que a presença de uma notória comunista não iria criar problemas para a instituição). Durante o mestrado e nos anos que se seguiram, consolidou sua vocação de pesquisadora e professora universitária.

Em 1998, concluído o mestrado, decidiu realizar um antigo sonho: cursar o doutorado sob minha orientação (Anita Prestes). Após emprendermos conversa preliminar, Sonia fez sua inscrição na seleção para o doutorado de História na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Entretanto, a presença na banca examinadora de um professor conservador impediu a aprovação de Sonia, cujo sonho foi frustrado. Decidiu então investir em outra paixão – a América Latina – e na Universidade de Brasília (UnB) iria cursar o Doutorado em Sociologia com ênfase em Estudos Comparados sobre as Américas (2000 a 2004). Sua tese, “As elites políticas e

a questão social no Uruguai e Brasil: 1904-1914”, uma vez publicada, transformou-se em livro premiado, considerado, por diversos acadêmicos uruguaios, um avanço significativo na compreensão de um momento importante da história do Uruguai. Para realizar a pesquisa no Congresso Uruguaio, consultando arquivos até então inéditos, Sonia morou no Uruguai durante o ano de 2003.

Em 2004, logo após a conclusão do doutoramento, Sonia tornou-se professora na Universidade de Brasília, primeiro no curso de Ciência Política e logo após no Programa de Pós-graduação em Estudos Comparados sobre as Américas, como professora efetiva do quadro (2004). Nesse período, a pesquisadora Sonia revelou amplamente suas habilidades e sua capacidade de organização e militância, agora voltadas para a academia. Realizou atividades diversas dentro e fora da Universidade de Brasília e passou a integrar o Comitê Executivo (2010-2014) da Brazilian Studies Association – BRASA, tornou-se membro do grupo de pesquisa do Cambridge Center for Brazilian Studies (CIBS) da University of Massachusetts (EUA) e de diversas sociedades científicas, como a Associação Brasileira de Ciência Política, Sociedade Brasileira de Sociologia, Associação Brasileira de Relações Internacionais – ABRI e World Values Survey Association. Durante esse período, como professora da Universidade de Brasília, aprofundou estudos sobre países da América do Sul, com destaque para Bolívia, Colômbia e Uruguai. Durante esse período na UnB, fez parte de grupos de assessores da CAPES em visitas técnicas de apoio a países da periferia do capitalismo, como Timor Leste, Guiné-Bissau, Bolívia, Chile, Equador, Uruguai, Argentina; também a países como França, Inglaterra, EUA, Espanha, Portugal, Turquia e Cuba, entre outros.

Em 2010 e 2011, realizou estágio de pesquisa pós-doutoral na prestigiosa *École des hautes études en sciences sociales*, EHESS, França, quando aprimorou sua competência em assuntos acadêmicos em nível internacional. Logo após, em 2013, Sonia e seu companheiro, o professor Henrique de Castro, retornaram a Porto Alegre para serem professores na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, onde Sonia trabalhou até seu falecimento em 2019.

Na UFRGS, Sonia atinge seu melhor momento como professora, pesquisadora e acadêmica. Lecionou no curso de graduação em Relações Internacionais e no PPG em Ciência Política e tornou-se rapidamente uma liderança no curso e na universidade. Além de pesquisadora destacada e professora admirada por seus alunos, passou a dirigir importantes programas de extensão junto à comunidade, com participação de centenas de professores e milhares de estudantes de

nível médio da Região Metropolitana. A mesma Sonia que foi estudante e professora da periferia retribuiu às novas gerações o que recebeu da educação pública.

A participação em eventos junto à comunidade não implicaria a diminuição do cuidado com a formação dos seus estudantes ou com a pesquisa. Seu lema “estudar, estudar, estudar”, tomado de Lenin, foi repetido exaustivamente para seus alunos, que passaram a adotá-lo. Na UFRGS, Sonia procurou organizar minimamente os estudantes em torno das suas necessidades mais sentidas, praticando o que aprendeu nos tempos de militância comunista. Assim, construiu um grupo de estudos chamado Cespri – Núcleo de Estudos e Pesquisas de Cultura Política, Estado e Relações Internacionais, congregando dezenas de estudantes. Nas palavras de Sonia, o grupo era aberto a qualquer estudante, “desde que não seja fascista ou anticomunista”. Esse grupo, hoje coordenado por seu colega e companheiro, o professor Henrique de Castro, chegou a reunir cerca de 40 estudantes, promovendo 27 eventos nacionais e internacionais durante os anos em que Sonia trabalhou na UFRGS, desde 2013 até falecer.

A atuação de Sonia foi decisiva para a mudança no conteúdo do curso de Relações Internacionais da UFRGS. Até a sua chegada, a visão dominante era a da teoria realista, ou seja, que não considera a existência de seres humanos nas relações internacionais, que seriam efetuadas unicamente por abstratas “razões de Estado”. Dada a sua formação acadêmica humanista e o seu caráter comunista, Sonia passou a atuar para introduzir uma visão teórica e filosófica distinta, colocando a ação humana e a luta de classes como centrais para explicarem e orientarem as relações internacionais e as ações humanas. Seu trabalho também enfatizava as contradições do mundo capitalista e a necessidade de defesa do socialismo, sem jamais ser panfletária ou propagandista, o que se refletia na formação dos estudantes e no trabalho com os colegas. Assim, seu legado permaneceu junto a muitas das pessoas com as quais trabalhou e ensinou, por deixar sempre claro que o fundamental não é a importante formação técnica e acadêmica, mas uma postura humana e solidária dos pontos de vista social e político.

Sonia continuou a trabalhar no Grupo Assessor Especial da Diretoria de Relações Internacionais da CAPES e foi escolhida, pelo Reitor da UFRGS, membro do Instituto Latino Americano de Estudos Avançados da universidade. Publicou ao longo de sua carreira mais de 40 artigos em revistas especializadas, publicou ou organizou 10 livros e cerca de 30 capítulos. Orientou nove teses de doutorado, 12 dissertações de mestrado, 19 trabalhos de especialização, 41 trabalhos de conclusão de curso de graduação e 43 trabalhos de iniciação científica; quando faleceu, estava

orientando quatro teses de doutorado, três dissertações de mestrado e dois trabalhos de iniciação científica.

Sonia Ranincheski faleceu trágica e precocemente aos 54 anos, no dia 25 de julho de 2019, em um acidente automobilístico junto com Miguel, seu irmão. Henrique Carlos de Castro, seu companheiro, sobreviveu ao acidente e procura dar continuidade ao seu legado. Após a morte de Sonia, houve uma série de homenagens, entre as quais se destaca a “Semana Acadêmica Ranincheski”, realizada no mês de outubro de 2019. Em novembro desse ano, foi homenageada no Instituto Cubano de Investigación Cultural “Juan Marinello”, em Havana, Cuba, país que foi por ela muitas vezes visitado e onde deixou numerosos amigos e admiradores.

Sonia foi sepultada em Alvorada, junto ao pai. Ela e Henrique não tiveram filhos.

Finalmente, devo dizer que Sonia foi para mim uma amiga muito querida, pela qual sempre tive grande admiração. Sua morte representou uma perda irreparável não só para seus familiares, amigos, colegas e estudantes, mas para o futuro da Educação no Brasil.

■ Anita Leocadia Prestes é Doutora em História Social pela Universidade Federal Fluminense (UFF), Professora do Programa de Pós-graduação em História Comparada da UFRJ (PPGHC/UFRJ), autora de Luiz Carlos Prestes: um comunista brasileiro (Boitempo, 2015), Olga Benário Prestes: uma comunista nos arquivos da Gestapo (Boitempo, 2017), Viver é tomar partido. Memórias (Boitempo, 2019).

Revisão por pares em agências de fomento: Agradecimento à Professora Sonia Ranincheski

Abilio Afonso Baeta Neves
Concepta McManus

Agências de financiamento e conselhos de pesquisa em todo o mundo contam com a revisão por pares para avaliar a qualidade e os possíveis impactos de projetos de pesquisa a serem apoiados, requerendo que se faça um julgamento sobre pesquisas ainda a serem realizadas (HOLBROOK e FRODEMAN, 2011). Neste caso, vamos nos basear no caso do Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), em especial a Diretoria de Relações Internacionais (DRI), onde tivemos mais interação com a Professora Sonia Ranincheski.

Os pedidos de subsídio são, geralmente, avaliados por revisores internos (painel de experts) e externos (ad-hocs), pontuados e, finalmente, discutidos por um comitê de revisão composto pelos revisores internos e membros da organização financiadora. A decisão de financiamento é baseada nas classificações dos revisores e nas discussões do comitê (ABDOUL et al., 2012). O sistema de revisão por pares, em particular, é considerado um guardião essencial da qualidade e, às vezes, da integridade da ciência (HORBACH e HALFFMAN, 2018).

O princípio fundamental é simples: especialistas em um determinado domínio avaliam o desempenho profissional, a criatividade ou a qualidade do trabalho científico produzido por outros em seu campo ou área de competência (BOLLEN et al., 2014). Na maioria dos casos, a identidade do revisor é oculta (revisão cega) para incentivar comentários francos, protegendo contra possíveis represálias por parte dos autores, e, em alguns casos, as identidades dos autores são mascaradas dos revisores (revisão duplo-cega) para proteger contra formas de viés social (LEE et al., 2013).

Há dois motivos para consultar mais de um revisor (OLBRECHT e BORNMANN, 2010). Primeiro, vários revisores têm mais conhecimento que um único revisor, cada um com informações que podem ser indisponíveis aos outros. Desta maneira, a decisão de financiamento pode ser tomada com base em mais informações do que seria o caso de apenas um revisor. Essa é a *função de integração*

de informações dos grupos de tomada de decisão. A segunda razão tem a ver com a *função de construção de consenso* dos grupos de tomada de decisão (NIJSTAD, 2009). Uma decisão de financiamento encontrará maior aceitação quando for baseada nas opiniões de vários revisores e a maioria dos revisores concordar com a decisão, do que quando a decisão é com base em apenas uma opinião.

Geralmente, existem dois procedimentos para a revisão por pares de solicitações de subsídios por vários revisores. Na revisão individual, os cientistas julgam (por escrito) o mérito de um pedido de subvenção independentemente de um outro antes que o tomador da decisão final aprove ou rejeite um pedido de financiamento. Na revisão por pares em painel, um grupo de revisores se reúne para deliberar e julgar em conjunto o mérito de uma solicitação antes da decisão de financiamento. Com análises individuais escritas, o tomador da decisão final traz a julgamento opiniões de vários revisores juntos para tomar uma decisão. Com a revisão por pares em painel, a decisão final é tomada com base no julgamento comum de todos os revisores (BORNMANN e HANS-DIETER, 2005).

A principal diferença entre a revisão por pares em painel e a revisão individual é que, no painel, a revisão por pares alcança um julgamento comum por meio do intercâmbio social. Em comparação com a revisão individual, a revisão por pares em painel tem a vantagem de que os revisores estão em posição de reavaliar conjuntamente seus argumentos, ponderar argumentos de uns contra os outros e fazer distinções entre argumentos importantes e menos importantes. Os argumentos de outros podem estimular revisores a apresentar seus próprios argumentos. Erros individuais e conclusões falsas podem ser reconhecidos pelo grupo e corrigidos com a discussão.

No caso de revisões individuais, o tomador de decisão deve reunir todos os julgamentos e opiniões feitos em análises independentes e ponderá-los comparativamente. O tomador de decisão é, frequentemente, uma pessoa que não possui a mesma experiência que o revisores. Comparada à revisão individual, a desvantagem da revisão por pares em painel é que custa consideravelmente mais e leva mais tempo. Os revisores têm que trabalhar duro para avaliar os projetos em preparação para a deliberação do painel e, em seguida, reunir-se no local onde as reuniões do painel se realizarão. A qualidade dos relatórios dos revisores externos é considerada crucial pelos revisores internos, que dão grande importância à análise e discussão ponto a ponto (ABDOUL et al., 2012) uma vez que assumem que o “reviewer” de painel deve ser um super expert e não emitir o parecer em si. Aqui

surge um problema: muitas vezes o parecer diz apenas “Excelente projeto que deve ser financiado” com uma avaliação em quatro linhas. É um parecer inútil. O relatório vai direto para a cesta de lixo. Uma revisão é útil quando analisa e discute cada um dos pontos relevantes para a decisão de financiamento. A falta de pareceres ad hoc significa que o painel de experts tem que emitir estes pareceres além de concluir o processo.

Processos são influenciados por vários efeitos indesejados do grupo (como peso dos revisores que não leram uma proposta em comparação com os revisores que a leram na decisão de financiamento). Aplicados a revisão por pares, as normas de desinteresse de Merton (o cientista renuncia a todas as formas de ganho pessoal), o ceticismo organizado (o conhecimento deve sempre ser examinado) e o universalismo (reivindicações de conhecimento devem ser julgadas impessoalmente, independentemente de sua fonte) são especialmente fundamentais (BORNMAN, 2008). As normas prescrevem como cada membro deve se comportar tendo em vista a função específica que ele desempenha. Por exemplo, no papel de revisores, a tarefa dos cientistas é avaliar a qualidade dos pedidos de subvenção.

Lee et al. (2013) resume o viés no sistema de revisão. A imparcialidade garante a consistência e a meritocracia da revisão por pares. A pesquisa sobre viés na revisão por pares – baseada no ideal de imparcialidade – levanta não apenas hipóteses locais sobre fontes específicas de parcialidade, mas questões muito mais amplas sobre se os processos pelos quais as comunidades de conhecimento se regulam são epistemicamente e socialmente corruptos. Contra a imparcialidade, as evidências sugerem que as avaliações pelos pares variam em função da nacionalidade do autor e do prestígio da afiliação institucional; da nacionalidade, gênero e disciplina do revisor; da afiliação do autor com revisores; da concordância do revisor com as hipóteses de submissão (viés de confirmação); e da demonstração da apresentação de resultados positivos (viés de publicação). A socialidade da revisão por pares deve ser estruturada “para enriquecer, em vez de ameaçar” o bem-estar da revisão por pares (LIPWORTH et al., 2011).

A necessidade de os painéis de revisão chegarem a um consenso pode levar a decisões subótimas, devido à natureza inerentemente estocástica do processo de revisão por pares (BOLLEN et al., 2014). Além disso, em um período em que o dinheiro disponível para financiar a pesquisa está diminuindo, os revisores podem tender a “jogar pelo seguro” e selecionar propostas com alta chance de produzir resultados, em vez de projetos mais desafiadores e ambiciosos. Além disso, a estruturação do financiamento em torno de convites à apresentação de propostas para

abordar tópicos específicos pode inibir descobertas inesperadas, pois os cientistas trabalham em problemas para os quais o financiamento está disponível, em vez de tentar resolver problemas mais desafiadores. No caso da CAPES, os programas bilaterais têm integrantes do Brasil e do país parceiro na avaliação das propostas. Nesse caso, os comitês são frequentemente interdisciplinares, além de internacionais. Assim, os membros dos comitês têm que lidar com diferenças entre os diferentes campos de conhecimento (HORBACH e HALFMANN, 2018), culturas e línguas e gerar um entendimento entre eles.

O processo no Brasil, e na CAPES em particular, acontece em vários níveis, com pareceres ad hoc a distância e depois consolidação em painéis de experts por área. Não é difícil compreender a enormidade do ônus colocado sobre os membros da comunidade científica, tanto juniores quanto seniores (VINES, 2012), por um sistema que, com poucas exceções (ENGERS e GANS, 1998), opera de uma forma voluntária e não remunerada (KRAVITZ e BAKER, 2011). McManus e Baeta Neves (2020) mostraram que a maior parte do trabalho técnico de pesquisadores no Brasil foi a emissão de pareceres para agências de fomento e para revistas. No entanto, estudos anteriores mostraram que um número crescente de revisores em potencial se recusam a revisar pedidos de subsídios (SCHROTER, GROVES e HOJGAARD, 2010; TITE e SHROTER, 2007). Estudos são necessários para avaliar a eficácia, viabilidade e aceitabilidade de incentivos como remuneração financeira ou reconhecimento acadêmico (GODLEE, 2002).

A confiança no sistema de avaliação é tanta que raramente a opinião do comitê é revertida. De acordo com Abdoul et al. (2012), cada pedido de recursos leva de várias horas a muitos dias para ser avaliado, e os prazos são sempre curtos. Isso envolve checar informações na literatura, bem como seguir os checklists das agências, que incluem originalidade, metodologia, relevância científica, viabilidade, ética, considerações financeiras e qualidade do texto. Mesmo assim, os resultados têm, às vezes, gerado processos de judicialização, como é de direto, quando os pesquisadores não estão satisfeitos com os resultados do processo. Isso também custa recursos financeiros e tempo das agências, que precisam defender as decisões de colegiado.

Com os avanços da tecnologia, a pesquisa científica tornou-se altamente sofisticada, colaborativa, distribuída e com uso intensivo de capital nos últimos anos. Como resultado, muitos manuscritos agora são acompanhados por grandes quantidades de materiais suplementares que requerem um exame cuidadoso, colocando um fardo ainda maior para os revisores conscientes. À medida que

aumentam os riscos comerciais e de carreira, no que Ziman (2000) denominou a era da “ciência pós-acadêmica”, o mesmo ocorre com o ônus colocado sobre os ombros daqueles indivíduos que arbitram pelas principais revistas científicas e agências de financiamento do mundo. A competição por recursos financeiros e a tensão no mercado de ideias se intensificou a tal ponto que os revisores precisam estar sempre alertas à possibilidade de fraude (por exemplo, fabricação de dados, remoção de dados), má alocação de crédito (como autoria não adquirida/presente) e possíveis conflitos de interesse (por exemplo, vínculos comerciais ou de consultoria não declarados) nas publicações que avaliam.

Embora práticas antiéticas tenham sido documentadas repetidamente nos campos médico e biomédico (BIAIOLI, 1998; CRONIN, 2002; SISMONDO, 2009), também há evidências sugestivas de que a trapaça pode estar em ascensão em alguns aspectos das Ciências Sociais (SHEA, 2011). Mais do que nunca, é necessário confiar na revisão por pares quando se trata de avaliação eficiente e eficaz das alegações de conhecimento. A pesquisa sobre o viés na revisão por pares busca identificar maneiras pelas quais se pode evitá-lo. No entanto, como observa Bornmann (2008), o conceito focal de viés não foi definido inequivocamente na literatura, talvez porque se presume existir um entendimento compartilhado, embora tácito, desse termo. O viés é definido como a violação da imparcialidade na avaliação por pares, que reúne as preocupações normativas da literatura empírica. Identifica-se diferentes categorias de pesquisa de viés pela sua fonte de parcialidade hipotética e (em alguns casos) pelos métodos e suposições adotados para estudar esse tipo de viés. O acordo entre revisores é aprimorado quando os revisores avaliam mais e não menos solicitações de subsídios, sugerindo melhorias por meio de aprendizado/treinamento (JAYASINGHE, MARSH e BOND, 2003). A pesquisa também mostrou melhorias na confiabilidade entre avaliadores com a adição de mais revisores por solicitação de doação. Uma forma de remover viés é o uso de revisores de fora do sistema, como no caso da avaliação do programa CAPES-PrInt, em que estrangeiros foram utilizados para a avaliação das propostas.

A existência de heterogeneidade nas avaliações pelos revisores dos pedidos de subvenção pode ser inerente à revisão por pares (REGIDOR, 2011) e pode desafiar a validade desse método de avaliação de solicitações de subvenção (WESSELY, 1998; CICHETTI, 1991). Pergunte a um cientista sobre a revisão por pares (MERVIS, 2014), e muitos citarão imediatamente a famosa descrição de democracia de Winston Churchill – “a pior forma de governo, exceto todas as outras formas que foram tentadas”. A comparação reconhece as muitas falhas do sistema, incluindo seu

conservadorismo inato e sua incapacidade de fazer distinções finas, enquanto fornece uma defesa contra ataques de colegas e de fora da comunidade científica. Uma outra reclamação é o custo em tempo e recursos financeiros em revisões de trabalhos que nunca virão a ser financiados (BOLLEN et al., 2014). Isso também é frustrante para quem espera pelo apoio.

Muitas propostas foram feitas para reformar os sistemas de financiamento, variando de mudanças incrementais à revisão por pares – incluindo seleção cuidadosa dos revisores (MARSH, JAYASINGHE e BOND, 2008) e normalização *post-hoc* das revisões (JOHNSON, 2008) – a propostas mais radicais, como abrir a revisão para toda a população online (CALM..., 2010) ou remover revisores humanos, alocando fundos por meio de uma medida objetiva de desempenho (ROY, 1985). A revisão por pares das propostas serviu bem à ciência por décadas, mas talvez seja hora de as agências de financiamento considerarem abordagens alternativas ao financiamento público da pesquisa – com base nos avanços da matemática e da tecnologia moderna – para otimizar o retorno do investimento (BOLLEN et al., 2014), e até por loteria (BARNETT, 2016; FANG e CASADEVALL, 2016). Há questionamentos também quanto à avaliação de jovens pesquisadores em conjunto com os mais experientes (MARTIN, KOPSTEIN e JANICE, 2010). A CAPES mudou essa avaliação recentemente quando separou o antigo post-doc no exterior para post-doc, professor visitante junior e visitante sênior, bem como a definição de novas regras para a bolsa tipo cátedra.

A Professora Sonia Ranincheski foi parte integrante do GAE (Grupo Assessor Especial) da DRI (Diretoria de Relações Internacionais) da CAPES de 2016 a 2019. Como tal, participava não só de reuniões de avaliação de projetos em todos os editais (doutorado pleno e sanduíche, AEX, DFATD, JSPS, DFG, DAAD, GTA, PECPG, PROBRAL, PVE, Humboldt, Cofecub etc.), mas também fazia parte do “GAEzinho”, um grupo menor que ajudava na formulação de políticas e métodos para melhorar a eficiência da atuação da DRI. Dentro deste grupo, foi uma liderança incontestada. Ela assumia quantidades hercúleas de trabalho, assegurando que os resultados dos editais saíssem em tempo. No total foram 689 pareceres entre outubro de 2016 e julho de 2019. Sonia entendia a complexidade das tarefas que precisava cumprir e a importância do trabalho cooperativo, mas crítico. Sua contribuição ia muito além do trabalho de revisão e discussão de resultados de avaliação de projetos. Ela participava, questionava e ajudava. Tinha consciência da centralidade da avaliação pelos pares para o progresso da ciência e da pós-graduação. Operava com espírito

público e vocação republicana para assegurar que a CAPES consolidasse seu papel de agência fundamental no fortalecimento do sistema nacional de pós-graduação. De acordo com Horbach e Halffman (2018), quatro grandes expectativas do sistema de revisão por pares podem ser distinguidas: (i) garantir a qualidade e a precisão da pesquisa; (ii) estabelecer uma hierarquia do trabalho publicado; (iii) fornecer oportunidades justas e iguais a todos os atores; e (iv) garantir a ausência de fraude no processo e nas propostas. A Professora Sonia atendeu todas as expectativas.

Foi uma colaboradora e parceira exemplar, mas, mais do que isto, foi uma grande amiga e faz uma falta enorme nas nossas vidas.

■ Abilio Afonso Baeta Neves é Ex-Presidente da CAPES (1995-2003; 2016-2018).

■ Concepta McManus é Ex-Diretora de Relações Internacionais da CAPES (2016-2019).

Referências

- ABDOUL, Henry et al. Peer Review of Grant Applications: Criteria Used and Qualitative Study of Reviewer Practices. *PLoS One*, v. 7, n. 9, p. e46054, 2012. DOI: 10.1371/journal.pone.0046054
- BARNETT, Adrian. Funding by lottery: political problems and research opportunities. *mBio*, v. 7, n. 4, p. e01369-16, 2016. DOI: 10.1128/mBio.01369-16
- BIAGIOLI, M. The instability of authorship: Credit and responsibility in contemporary medicine. *The FASB Journal*, v. 12, n. 1, p. 3-16, 1998.
- BOLLEN, Johan et al. From funding agency to scientific agency: Collective allocation of science funding as an alternative to peer review. *EMBO*, v. 15, n. 2, p. 131-133, 2014. DOI: 10.1002/embr.201338068
- BORNMANN, Lutz. Scientific peer review: An analysis of the peer review process from the perspective of sociology of science theories. *Human Architecture – Journal of the Sociology of Self-Knowledge*, v. 6, n. 2, p. 23-38, 2008.
- BORNMANN, Lutz; HANS-DIETER, Daniel. Selection of research fellowship recipients by committee peer review: analysis of reliability, fairness and predictive validity of Board of Trustees' decisions. *Scientometrics*, v. 63, n. 2, p. 297-320, 2005.
- CALM in a crisis. *Nature*, v. 468, 2010. DOI: 10.1038/4681002a
- CICHETTI, Domenic V. The reliability of peer review for manuscript and grant submissions: cross disciplinary investigation. *Behavioral and Brain Sciences*, v. 14, n. 1, p. 119-186, 1991.

- CRONIN, Blaise. Hyperauthorship: A postmodern perversion or evidence of a structural shift in scholarly communication practices? *Journal of the American Society for Information Science and Technology*, v. 52, n. 7, p. 558-569, 2002.
- ENGERS, Maxim; GANS, Joshua S. Why referees are not paid (enough). *American Economic Review*, v. 88, n. 5, p. 1341-1350, 1998
- FANG, Ferric C.; CASADEVALL, Arturo. Research funding: the case for a modified lottery. *mBio*, v. 7, n. 2, p. e00422-16, 2016. DOI: 10.1128/mBio.00422-16.
- GODLEE, Fiona. Making reviewers visible: openness, accountability, and credit. *JAMA*, v. 287, n. 21, p. 2762-2765, 2002. doi: 10.1001/jama.287.21.2762
- HOLBROOK, J. Britt; FRODEMAN, Robert. Peer review and the ex ante assessment of societal impacts. *Research Evaluation*, v. 20, n. 3, p. 239-246, 2011. DOI: 10.3152/095820211X12941371876788
- HORBACH, Serge; HALFFMAN, Willem. The changing forms and expectations of peer review. *Research Integrity and Peer Review*, v. 3, n. 8, 2018. DOI: 10.1186/s41073-018-0051-5
- JAYASINGHE, Upali W.; MARSH, Herbert W.; BOND, Nigel. A multilevel cross-classified modelling approach to peer review of grant proposals: The effects of assessor and researcher attributes on assessor ratings. *Journal of the Royal Statistical Society, Series A (Statistics in Society)*, v. 166, n. 3, p. 279-300, 2003.
- JOHNSON, Valen E. Statistical analysis of the National Institutes of Health peer review system. *Proceedings of the National Academy of Science of the United States of America*, v. 105, n. 32, p. 11076-11080, 2008.
- KRAVITZ, Dwight J.; BAKER, Chris I. Toward a new model of scientific publishing: discussion and a proposal. *Frontiers in Computational Neuroscience*, v. 5, n. 55, 2011. DOI: 10.3389/fncom.2011.00055
- LEE, Carole J. et al. Bias in peer review. *Journal of the American Society for Information Science and Technology*, v. 64, n. 1, p. 2-17, 2013. DOI: 10.1002/asi.22784
- LIPWORTH, Wendy L. et al. Journal peer review in context: A qualitative study of the social and subjective dimensions of manuscript review in biomedical publishing. *Social Science & Medicine*, v. 72, n.7, p. 1056-1063, 2011. DOI: 10.1016/j.socscimed.2011.02.002
- MARSH, Herbert. W.; JAYASINGHE, Upali W.; BOND, Nigel W. Improving the peer-review process for grant applications: reliability, validity, bias, and generalizability. *Am Psychol*, v. 63, n. 3, p. 160-168, 2008. DOI: 10.1037/0003-066X.63.3.160
- MARTIN, Michael R.; KOPSTEIN, Andrea; JANICE, Joy M. An Analysis of Preliminary and Post-Discussion Priority Scores for Grant Applications Peer Reviewed by the Center for Scientific Review at the NIH. *PLoS ONE*, v. 5, n. 11, p. e13526, 2010. DOI: 10.1371/journal.pone.0013526
- MCMANUS, Concepta; BAETA NEVES, Abilio A. Production profiles in Brazilian Science, with special attention to social sciences and humanities. *Scientometrics*, 2020. DOI: 10.1007/s11192-020-03452-2
- MERVIS, Jeffrey. Peering Into Peer Review. *Science*, v. 343, n. 6171, p. 596-598, 2014. DOI: 10.1126/science.343.6171.596
- NIJSTAD, Bernard A. *Group Performance*. East Sussex, NY, USA: Psychology Press, 2009.

- OLBRECHT, Meike; BORNMANN, Lutz. Panel peer review of grant applications: what do we know from research in social psychology on judgment and decision-making in groups? *Research Evaluation*, v. 19, n. 4, p. 293-304, 2010. DOI: 10.3152/095820210X12809191250762
- REGIDOR, Enrique. Subjective judgements in scientific practice and art. *Journal of Epidemiology & Community Health*, v. 65, n. 12, p. 1065-1069, 2011. DOI: 10.1136/jech.2009.094680
- ROY, Rustum. Funding science: the real defects of peer review and an alternative to it. *Science, Technology, & Human Values*, v. 10, p. 73-81, 1985.
- SCHROTER, Sara; GROVES, Trish; HOJGAARD, Liselotte. Surveys of current status in biomedical science grant review: funding organisations' and grant reviewers' perspectives. *BMC Med*, v. 8, p. 62, 2010. DOI: 10.1186/1741-7015-8-62
- SHEA, Christopher. Fraud scandal fuels debate over practices of social psychology. *The Chronicle of Higher Education*, Nov. 13, 2011. Disponível em: <<http://chronicle.com/article/As-Dutch-Research-Scandal/129746/>>. Acesso em: 04 ago. 2020.
- SISMONDO, Sergio. Ghosts in the machine: Publication planning in the medical sciences. *Social Studies of Science*, v. 39, n. 2, p. 171-198, 2009. DOI: 10.1177/0306312708101047
- TITE, Leanne; SCHROTER, Sara. Why do peer reviewers decline to review? A survey. *J Epidemiol Community Health*, v. 61, n. 1, p. 9-12, 2007. DOI: 10.1136/jech.2006.049817
- VINES, Tim. The famous grouse — Do prominent scientists have biased perceptions of peer review? *Scholarly Kitchen: What's hot and cooking in scholarly publishing*, Feb 1, 2012. Disponível em: <<https://scholarlykitchen.sspnet.org/2012/02/01/the-famous-grouse-do-prominent-scientists-have-biased-perceptions-of-peer-review/>>. Acesso em: 04 ago. 2020.
- WESSELY, Simon. Peer review of grant applications: what do we know? *Lancet*, v. 352, n. 9124, p. 301-305, 1998. DOI: 10.1016/S0140-6736(97)11129-1
- ZIMAN, John. *Real science: What it is, and what it means*. Cambridge, UK: Cambridge University Press, 2000.

Homenagem à Sonia Ranincheski

Benício V. Schmidt

Conheci Sonia Ranincheski durante o meu curso (professor visitante) de “Análise de Políticas Públicas”, em 1991, no mestrado em Ciência Política na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Ela integrava um entusiasmado grupo de alunos, alguns dos quais permanecem ainda hoje como colegas e companheiros de muitas pesquisas realizadas no Brasil, seja pelo CEPPAC/UnB, seja pelo DataUnb.

Sonia posteriormente entrou no Mestrado em Ciência Política na UFRGS, que concluiu em 1998. Em 1999 realizou curso de especialização no Programa de Treinamento Intensivo em Metodologia Quantitativa (MQ) da UFMG.

Incentivei Sonia Ranincheski a vir, no ano de 2000, fazer o doutorado no CEPPAC/UnB. Em 2004, após estágio de pesquisa em Montevideo, Uruguai, apresentou com brilho sua tese de doutorado em Estudos Comparados Sobre As Américas junto ao CEPPAC da Universidade de Brasília, intitulada *As Elites Políticas e a Questão Social no Uruguai e no Brasil, 1904-1914*. Neste trabalho, surpreendeu, por via de comparação, o papel pioneiro do valente Uruguai no tratamento da classe trabalhadora, especialmente por meio de políticas de representação social, sindical e de proteção social. Orientada por Fernanda Sobral, Sonia demonstrou segurança, amplo trabalho de pesquisa e brilhantismo na apresentação. Tornou-se assim doutora em Sociologia pela UnB.

Sonia ingressou no CEPPAC como professora em 2005. Fiz parte da Comissão de Concurso Público que a aprovou e a conduziu ao posto de professora-orientadora até o ano de 2013, quando se transferiu à UFRGS, juntamente com seu eterno companheiro Henrique de Castro. No período em que foi professora no CEPPAC, orientou teses, e era muito querida pelos estudantes. Realizou, ainda nesse período, estágio pós-doutoral na École des Hautes Études en Science Sociales (Paris, França) em 2010/2011. Em 2013 passou a lecionar e pesquisar como professora do departamento de Economia e Relações Internacionais e do Programa de Pós-graduação em Ciência Política da UFRGS.

Como editor, tive o prazer e a honra de ser escolhido por Sonia para a publicação de duas de suas obras: *Américas Compartilhadas*, organizada por ela e Ana Maria Fernandes, publicada em 2009; e *A economia brasileira em perspectiva histórica*, organizada por Sonia, Negri e Muller, publicada em 2011.

O primeiro livro citado foi organizado integrando a produção temática dos pesquisadores do CEPPAC/UnB. O segundo foi proposto por Sonia e organizado enquanto participava do Comitê Executivo (2010-2014) da Brazilian Studies Association – BRASA.

Cultura política, políticas públicas, mudanças geracionais, sociais e políticas e Estado foram os interesses acadêmicos em torno dos quais centrou a sua produção diversa e constante. Esses temas orientaram sua inserção em sociedades científicas (Associação Brasileira de Ciência Política, Sociedade Brasileira de Sociologia e Associação Brasileira de Relações Internacionais) e em grupos de pesquisa: Cambridge Center for Brazilian Studies (CIBS), World Values Survey Association (WVS) e Instituto Latino Americano de Estudos Avançados da UFRGS.

Sonia ofereceu importante contribuição para a política nacional de pós-graduação quando foi convidada a participar como membro do Grupo Assessor Especial da Diretoria de Relações Internacionais da CAPES, a partir de 2016.

Em sua relativamente curta, mas produtiva carreira acadêmica, Sonia sempre mostrou disciplina, dedicação e alegria, envolvendo sempre muita imaginação sociológica e generosidade. Otimista com os rumos da História do Brasil, ajudou a desbravar o cipoal da análise comparada. Trabalhou, e muito, pela solidificação das instituições de pesquisa no Brasil e na América Latina. Pessoalmente, com sua trágica e prematura morte, perdi uma grande colega e fraterna amiga.

■ Benício V. Schmidt é Doutor em Ciência Política, pela Stanford University (1979), e Professor Titular aposentado da Universidade de Brasília (UnB).

Remembering Sonia Ranincheski

Biorn Maybury-Lewis

Today is July 25th, 2020. A few weeks ago, Professor Henrique Carlos de Castro asked me to write a small piece to help remember his late wife, Professor Sonia Maria Ranincheski: my friend. As the couple's friend, I was totally crushed on this day, July 25th, one year ago, in 2019, when I learned that Sonia had passed away in a terrible auto accident.

I was not the only one. Sonia left her dearest Henrique, with whom she had shared a life together for more than 30 years, and her wonderful family – which lost two siblings in that awful crash. She left also a world of colleagues, friends, and comrades: many, of course, in her beloved Brazil. Others, like me, from around the world.

All of us feel a void now that Sonia has left us. Yet we, together, remember her. We recall her spirit, her openness, and the points of view that she defended, as well as the ideas for a better future that she explored with her colleagues and students: with us. To think about Sonia, then, is bitter and sweet. She was and remains – one of us.

I write, today, on the one-year anniversary of her passing, to offer her the deep respect and love that a friend deserves. I cannot do that alone. The text that follows is a brief tribute regarding my own relationship with Sonia, as her colleague and collaborator, as well as recollections of two other younger people, highly skilled professionals in their own right, of the impact of Professora Sonia. That impact was enormous. We carry it with us.

I knew Sonia from her days at the University of Brasília, where – as a researcher and professor – she pursued advanced academic research in comparative politics, as well as in international relations. What first drew Sonia and me together as fellow researchers, was our deep love of history. Sonia had, in the course of her lifetime, gone far in history. She had become a first-class historian in her homeland in Rio Grande do Sul, Brazil's lovely southernmost state. Years before, I too was a history major as an undergraduate at Harvard, studying with the eminent historian, Professor John Womack. Jack Womack is a brilliant scholar of Mexico and Latin America. His influence on me I feel to this day, despite becoming a "black sheep"

and taking my masters and PhD degrees in international relations and comparative politics! By the time that I had become Sonia's friend, she – in a pattern like mine – had moved from history, as her primary discipline, to comparative politics and international relations. What separated her from many political scientists was a truly deep knowledge of and concern for history. She was a learned academic, in the Renaissance sense: humble in her outlook, utterly without dogma, broadly trained. Sonia carried with her always the highest ideals of the Enlightenment: openness, respect for the scientific method, and wonder about the world around us.

Sonia struck me, on all our precious occasions together, as a genuine person in the humanist tradition. This is what makes her untimely passing so shattering not only to Henrique and her family, but also to people like me who were privileged to know and work with her: Sonia's countless colleagues, students, and collaborators. She brought a rare combination of learnedness and humanity, transcending the petty rancor that often clouds the academy. Instead, Sonia offered curiosity, scholarly rigor, interdisciplinarity, and a bedrock foundation in history. This would be more than enough for an exceptional scholar. Yet Sonia also had a rare additional talent: the ability to "understand" friends and colleagues accurately, and to put them in touch with one another – an important theme to which I shall return.

Sonia and I, like many of our colleagues, shared a concern for Brazil's ongoing crisis of human rights. She would become a research associate at The Cambridge Institute for Brazilian Studies (CIBS), in Cambridge, Massachusetts, which my colleague, Dr. James Ito-Adler, and I had founded to pursue Brazilian Studies within an interdisciplinary framework. While a fellow researcher at CIBS, Sonia and I would organize a collection of essays, in 2010-2011, in a book entitled *Desafios aos Direitos Humanos no Brasil Contemporâneo*. We wrote together the opening chapter.

She brought her open-mindedness and interdisciplinarity to producing this book as she did to all her projects. I deeply admired these elements in Sonia's scholarship and have tried to maintain them in my own work, endeavoring to live up to her example.

Throughout her career, Sonia did not avoid company. Nor did she pursue her work in archives alone, without contacting others. On the contrary, she was a leader, collaborator, organizer, and instigator! She had an uncanny talent, as mentioned, for linking up the right people to each other. Not merely a "networker," she had an uncanny ability to really know and understand people, and then put them

in contact. Ever tactful, she would then “get out of the way” so that they could develop their own story together. It was amazing!

As a measure of what I am trying to impart, Sonia introduced me to two professionals who would become very close to me as peers, fellow scholars, and people who care about Brazil and the evolving international situation. They remain, to this day, two of my good friends.

One is Sonia’s fellow Brazilian, the political scientist and lawyer, Dr. Renata Furtado. Renata, today, is a senior prosecutor at the Federal Prosecutor’s Office (A Procuradoria-Geral da República – PGR), in Brasília, leading a division there. Whenever she can, she finds time to teach courses in political science at her beloved University of Brasília. Through Sonia’s good offices, Renata would come to America as also a CIBS researcher and collaborator as she prepared her PhD dissertation at the University of Brasília. She and I would have countless lively conversations over coffee at CIBS, as she developed the chapters of her doctorate. The other is Dr. Arianna Kinsella Coutinho, an American, who recently defended an ambitious PhD dissertation on contemporary Brazilian history at the Sorbonne. Arianna too, in the tradition which Sonia pioneered, would frequently consult with me via Skype and WhatsApp on questions that she was tackling in her PhD work. Arianna is not only an accomplished, multi-lingual, multi-cultural researcher, historian and Brazilianist, she is also a wonderful artist. Her experiences in Europe, the US, and especially Mexico inspire her paintings. Arianna painted a compelling portrait of Sonia, attached to this celebration of her life, that captures Sonia’s spirit as the cheerful, dynamic educator that she was.

Both of these wonderful women have proven themselves open, rigorous in their own scholarship, deeply thoughtful, and multi-dimensional in the skills and original ideas that they contribute to the academy. They carry with them, every day, the impact of Sonia Ranincheski. To me, it is a privilege to have learned about and collaborated with them both: thanks to Sonia’s introductions.

Making such profoundly appropriate interventions is what Sonia did in Brazil, and what she did internationally with people like us. We will never forget this. In July 2020, I asked Renata and Arianna to write brief recollections of their experiences with Sonia to add their views to this tribute to Sonia’s life.

Dr. Renata Furtado wrote the following:

Existem pessoas que passam na nossa vida e que têm o poder de mudar o nosso destino.

Para mim, a Professora Sonia Ranincheski foi uma delas. Sou profundamente grata pela oportunidade do convívio com essa doce, alegre e cordial Professora. Sempre sorridente e atenta, não mediu esforços em me mostrar o caminho que poderia me levar a uma realização acadêmica em nível de Doutorado. Em um de nossos encontros, ela disse que eu deveria pensar em um estágio de doutoramento nos Estados Unidos. Eu exclamei: “Como assim, Professora? Como é que eu vou parar nos Estados Unidos? Tenho dois filhos, trabalho, inglês mais ou menos... Não dou conta não! Essa realidade parece que não é pra mim não, preciso de ajuda, vixi...”, e ria eu dessa ideia, que parecia uma grande loucura. Ela, por sua vez, deu risada da minha situação e, na sequência, disse em voz firme, me passando total confiança: “Eu ajudo, você consegue.” Naquele dia, a neblina que pairava em frente aos meus olhos começou a se dissipar e passei a enxergar um trilho, juntamente com essa minha querida Mestre. A Professora Sonia, confiando no potencial da aluna que estava ali cheia de disposição, mas sem direção, conduziu-a ao encontro de outro grande Mestre, Prof. Biorn Maybury-Lewis. Esse talentoso Professor, possuidor de um coração não menos acolhedor e extraordinário que o dela, arrematou os pontos idealizados pela amiga docente e garantiu as bases para minha jornada acadêmica nos Estados Unidos. Daí para frente, minha vida mudou. Novos valores apareceram na minha trajetória neste mundo. Querida Sonia, repito a todos àqueles que têm a curiosidade de saber como fui parar em Cambridge, MA, centro acadêmico considerado de excelência, que foi você a grande mentora disso. Você, Sonia, com seu amor aos alunos, doou, com prazer e alegria, seu tempo e momentos de reflexão para ajustar nossa visão de mundo e melhorá-lo com o produto dos nossos estudos. Talvez houvesse algo que você gostava de receber em troca e que lhe encantava e motivava: o sorriso de seus alunos realizados ou engajados! Eu sei que o que fizeste por mim, replicou a outros, porque

todos nós fizemos parte um dia de uma legião de sonhadores, cujos sonhos você fez acontecer. Sinta essa energia boa vinda de nós! Sorria! Você é sensacional.

*Com amor, Renata Furtado.
Em 16 de julho de 2020, Brasília-DF*

Dr. Arianna Kinsella wrote the following:

The first time I met Sonia was at the Café de l'Entracte de Opéra, in February of 2011. A former professor had suggested I reach out to her. This would mark the beginning of a long friendship. Sonia was my role model. She served as an informal advisor and a friend. We would from there on meet at cafés and brasseries every time she was in Paris. It was « um respiro » from the strict formality of French higher education. Outside of academic institutions, our talks would range anywhere from academic to personal matters.

In France, I had all the odds against me as an American scholar attempting to make her country and her field my specialty. I had no funding and my French was elementary to say the least. To say that she encouraged me would be to belittle her role in my life. She accompanied and advised me through my entire graduate education, even when no one really believed in me, she DID. She always lent me an ear for my erratic, unembellished hypotheses, dissected them and gave me precious academic advice without the formal recognition tied to it. She would share her insights, her work, her experience, methodology, references and also, when necessary, a rigorous objection to my far-fetched hypotheses.

When I finally got my Ph.D., she was the first one whom I called, as she had understood how penurious my journey had been. It was a victory that we savored together. She had been the first one to invite me to work with her in Brazil after my thesis, and we would work hours and hours formulating our new research project, a dream which was shattered by her untimely death.

We all have these history professors in high school who make us want to pursue a career in history, to make history the means of change. I had that experience or thought I had. Little did I know that my true role model and example would be a woman who wasn't even institutionally tied to me and yet put faith in me and guided me throughout the entire way. I refer to her as my academic angel. Her life story, her brilliant career and her kindness and her on point scholarly work, production, critique and her mentorship truly embody a Brazilian historian, scholar, mentor and friend.

Paris – July 2020

Dr. Renata and Dr. Arianna make clear the profound impact that Professora Sonia had on them – just like she had on me.

From Brasília to Porto Alegre, from Paris to Havana, and to all corners of our earth, Sonia travelled and worked as a true ambassador of the very best of Brazil. She met people, debated with them, worked on new ideas, created, and collaborated: always in an effort to help solve the problems of our times. She left enduring friendships and deep respect for her everywhere she went. As a scholar, activist, and – above all – a friend: we will always remember, always miss Professora Sonia. It is very hard to accept that she is gone.

Yet she remains within us.

Painting: By Arianna Kinsella, Ph.D.

■ Biorn Maybury-Lewis, Ph.D. Cambridge Institute for Brazilian Studies.

Sonia Ranincheski: Defender Cuba, una cuestión de principio

Caridad Massón Sena

Sonia María Ranincheski nació el 2 de mayo de 1965, a casi un año del golpe de estado que derribó al gobierno del presidente João Goulart e inició una larga dictadura militar. Esta culminó en 1985 al asumir la dirección del país José Sarney, quien reanudó relaciones diplomáticas con Cuba después de 22 años de ruptura. En esos momentos, la joven estudiaba la carrera de Historia en la Universidad Federal de Río Grande del Sur y se había acercado a grupos de izquierda seguidores del líder comunista Luiz Carlos Prestes.

La aproximación de los jóvenes brasileños a Cuba se dio entonces fundamentalmente a través de la cultura. La Casa de las Américas, dirigida por la combatiente Haydeé Santamaría, había creado un premio literario que permitía invitar a La Habana en calidad de jurados a importantes intelectuales del continente. Entre ellos estuvieron Fernando Moraes, Ignacio de Loyola **Brandão**, Antonio Callado y Chico Buarque de Hollanda, quienes, a pesar de la represión del régimen militar y el aislamiento en que pretendían mantener a la Isla los gobiernos reaccionarios, decidieron visitarla en febrero de 1978.

De la mano del cantante, muy conocido por su actitud comprometida con la justicia social, sus composiciones de corte nacionalista y su manera sutil de enfrentar la violencia política, llegaron a los oídos de aquella generación de brasileños las melodías de los mejores exponentes de la Nueva Trova Cubana: Silvio Rodríguez y Pablo Milanés. Posteriormente vinieron las primeras lecturas sobre Cuba a través de la entrevista realizada por fraile dominico Frei Betto al líder de la Revolución, que salió publicada con el título *Fidel Castro y la religión*.

Según recuerda Henrique Carlos de Oliveira de Castro, compañero de Sonia desde su época de estudiante, sus contactos iniciales con nuestro país fueron intensos a partir de su militancia política y del entorno universitario. Pero también por la relación entre la música cubana y brasileña, especialmente por la contribución de Chico Buarque de Hollanda

Con la normalización de las relaciones entre ambos países, comenzó un intenso intercambio en la esfera cultural y, poco a poco, se dieron ciertos acercamientos en espacios de política internacional y cooperación científico-técnica, que llegaron a su máxima expresión al ascender a la presidencia el líder del Partido de los Trabajadores Luiz Inacio Lula da Silva en 2003. Existían grandes simpatías entre Lula y Fidel, alimentadas por coincidencias ideológicas y por articulaciones efectivas con los movimientos sociales. Estos lazos se robustecieron con las reformas económicas iniciadas por el mandatario Raúl Castro a partir de 2008. Se intensificaron los intercambios gubernamentales, técnicos, empresariales, docentes e intelectuales. Las semejanzas culturales y étnicas entre los dos países contribuyeron al mismo tiempo a fomentar los intercambios pueblo a pueblo. En el ámbito estatal se produjeron nuevos relacionamientos, algunos pragmáticos y otros estratégicos. Un empeño de gran relevancia fue la decisión de Lula de contribuir a la construcción de la terminal de contenedores en el puerto de Mariel, inaugurada en 2014 con la presencia de la presidenta Dilma Rousseff. En esos momentos, Brasil llegó a figurar entre los cinco principales socios comerciales de Cuba y se materializaron programas de cooperación en las esferas de los biocombustibles, la salud, la educación, la cultura, la agricultura y la infraestructura, exhibiendo un ejemplo exitoso de cooperación Sur-Sur.

Durante esa etapa, Sonia logró hacer primero la maestría en Ciencia Política en la Universidad donde había estudiado, mientras trabajaba como profesora de diferentes disciplinas en la de La Salle. Posteriormente logró el título de doctora en Sociología en el Centro de Pesquisa e Pós-Graduação Sobre As Américas de la Universidad de Brasília, en 2004. Durante su trayectoria docente e intelectual, se dio cuenta de las carencias de información académica e investigaciones sobre temas cubanos y con su compañero Henrique trataron de potenciar la apertura de nuevas líneas de trabajo en este sentido. Por esa vía, me implico con el trabajo de ambos. Ellos orientaron a la becaria Eliane Soares en su tesis de doctorado sobre *El proceso político de la revolución nacional-democrática y el socialismo en América Latina: un estudio comparativo sobre los programas de la Revolución Cubana y de la Revolución Bolivariana de Venezuela*, quien vino al Instituto de Investigación Cultural Juan Marinello buscando asesoramiento de su director Fernando Martínez Heredia. Así conocí a Eliane y a su prometido Wilson Santos durante la estancia de investigación de varios meses en La Habana. Como historiadora especializada en temas relacionados con el movimiento obrero y comunista cubano, ayudé en la búsqueda de

bibliografía y en la coordinación de las entrevistas. De esos encuentros surgió una bella relación de amistad entre nosotros. Cuando en 2009 asistí al Congreso de la Asociación de Estudios Latinoamericanos realizado en Río de Janeiro, por la gestión de Eliane y Wilson, impartí un ciclo de conferencias en la Universidad, en escuelas y centros laborales de Uberlandia para conmemorar el 50 aniversario del triunfo de la Revolución Cubana. Entonces conocí que su tutor Henrique quería invitarme realizar una estancia como profesora-investigadora y por ese motivo regresé a Brasilia y trabajé en la indagación sobre el tema la Influencia de la Comintern en los Partidos Comunistas de Cuba y Brasil durante los meses de agosto a noviembre de 2013. En esa oportunidad, pude conocer de la doctora Anita Leocadia Prestes, quien gentilmente me los entregó fotocopias de importantes documentos y libros para mi investigación.

En ese momento, se iniciaba la llegada de galenos cubanos incorporados al programa Más Médicos, que brindarían sus servicios de salud en lugares de difícil acceso en la geografía brasileña. Recuerdo muy bien la agresiva reacción de un grupo de doctores integrantes del Colegio Médico que protestaron por esa medida, en tanto la población se mostraba agradecida, gesto que fue creciendo en la medida que el programa fue avanzando.

Con el apoyo de Henrique y de los investigadores Camilo Negri, Jacques Novion, Rebeca Igreias y Moises Balastro, impartí la conferencia “Los comunistas cubanos y la lucha por el poder en los años 50”; mientras que Eliane y Wilson organizaron en Uberlandia una charla en la Universidad sobre “Cuba: el socialismo y las reformas actuales”. En Rio de Janeiro, la amiga que me alojó, Máxima Oliveira, profesora de Literatura, me llevó con sus alumnos de enseñanza media para que les hablara de “Los avances de la educación en Cuba”. Quedé muy conmovida por el cariño de los brasileños con quienes intercambié y de los profesores que me apoyaron, especialmente con Henrique que estaba viviendo en Porto Alegre con Sonia. En ese momento, no pude conocerla en persona, pero quedó la promesa de que ellos irían a Cuba.

En la Universidad Federal, Sonia enseñaba en el curso de pregrado en Relaciones Internacionales y en el Programa de Post-Graduación en Ciencias Políticas, destacándose por sus métodos de dirección y las simpatías que irradiaba hacia sus alumnos. En una carrera a la cual accedían principalmente estudiantes de la élite, ella estaba sorprendida por el nivel de comprometimiento de la mayoría de los alumnos y sus posiciones políticas de avanzada. Esas condiciones las aprovechó para poner en práctica actividades de extensión hacia la comunidad, que engarzaban con la

temática principal de su investigación: Cultura Política, Estado y Relaciones Internacionales, cuyo objetivo era analizar los intereses, valores y acciones de las élites nacionales latinoamericanas en relación con la política exterior con los Estados Unidos y Europa, enfatizando de manera colateral los análisis de los problemas generados por las contradicciones del mundo capitalista y la necesidad de defender el socialismo.

Como habían prometido, Sonia y Henrique llegaron a Cuba por primera vez en junio de 2014 para participar en un Congreso de Estudios sobre Migraciones de La Universidad de La Habana y trajeron a un grupo de estudiantes para que presentaran sus ponencias y conocieran nuestra realidad. Una vez terminadas las sesiones, tuvieron la oportunidad de recorrer lugares emblemáticos de La Habana Vieja y bañarse en las aguas de Varadero. Se relacionaron con personas simples de la comunidad, conocieron a mi familia e intercambiamos opiniones sobre nuestras realidades. La corriente de simpatías mutuas fue muy profunda.

“Volvimos muy impresionados con el nivel cultural de cubano – recuerda Henrique, con igualdad social en momentos difíciles, como es bueno vivir sin propaganda comercial y cómo la Revolución es algo presente. También nos dimos cuenta de los problemas que generaban el Bloqueo y la propaganda imperialista que crea ilusiones acerca del capitalismo.”

Con el objetivo de comprender como el estudio de la cultura política de diferentes países en sus relaciones internacionales permite conocer el impacto de las percepciones de la agenda de política externa, en la identificación de la opinión pública nacional e internacional sobre un determinado país, Sonia incitó a varios alumnos a estudiar a profundidad el caso cubano. Uno de ellos fue Sergio Minuzzi Tessuto, quien preparó para el Encuentro de Iniciación Científica de la Universidad en 2015 la ponencia *El papel de las instituciones políticas de los Estados Unidos en la reaproximación con Cuba*, trabajo que acomete un análisis de las estrategias de política exterior de Estados Unidos para con La Habana entre el 1 de enero de 2013, inicio del segundo mandato de Barack Obama, y el 13 de junio de 2015, regreso de la Isla de tres congresistas republicanos que garantizaban que muy pronto se abrirá la embajada estadounidense en la Isla. Ella misma preparó para un seminario la ponencia *Las perspectivas de Cuba con el fin del embargo: la cultura política cubana*.

La estudiante Marielli Prestes Bittencourt empezó a trabajar con Sonia en un proyecto de estudios sobre los partidos comunistas latinoamericanos en el siglo XX debía escoger un país para ser estudiado profundamente, y una de esas opciones era

Cuba. Sonia la estimuló muchísimo a ahondar en la historia y las condiciones en que vivía el pueblo cubano bajo el bloqueo impuesto por EEUU, recomendando que trabajara sin prejuicios. Como resultado de esos esfuerzos, Marielli presentó en un Encuentro de Iniciación “La perspectiva cubana para la reanudación de las relaciones diplomáticas con los Estados Unidos.”

En 2016, el presidente Michel Temer comenzó a desmontar las favorables relaciones que habían primado entre Brasil y Cuba. En noviembre de ese propio año, celebramos en el Instituto Marinello el seminario internacional “Las izquierdas latinoamericanas: sus trayectorias nacionales y relaciones internacionales durante la primera mitad del siglo XX”. Tan pronto Sonia y Henrique conocieron de la convocatoria, hablaron con sus estudiantes para que participaran y lograron traer a cuatro alumnas como observadoras (Iasmini Nardi, Vitória Gonzalez Rodriguez, Karina Ruíz y Marielli Bittencourt) y la participación con ponencias de los profesores Anita Prestes, Eliane Soares, Flávio Busnello y Camilo Negri. La brasileña una de las delegaciones extranjeras más nutridas. Como actividades colaterales post-congreso se organizó un encuentro con los jóvenes de la cátedra Antonio Gramsci de nuestro instituto, una visita a la Escuela Latinoamericana de Medicina y otra al Centro Memorial Martin Luther King (junior).

Los gobiernos posteriores a Dilma fueron cerrando las posibilidades de intercambio cultural y académico entre brasileños y cubanos. Sonia trabajó en la preparación y capacitación de los profesores de la enseñanza media y de las jóvenes generaciones, por eso continuó orientando a sus alumnos en el seguimiento del tema Cuba. Primero tutoró a Marielli en su trabajo de curso *Nacionalismo en Cuba* y luego en su maestría de Ciencias políticas con la tesis *Participación política en Cuba: un estudio de cultura política*.

Antes de su toma de posesión, Jair Bolsonaro decidió poner fin al programa Más Médicos. Luego en el acto de asunción de la presidencia en enero de 2019, prometió a sus seguidores liberar a Brasil “de las amarras ideológicas”, mientras él se ataba a las propuestas anticubanas del presidente Trump. En medio del deterioro de las relaciones bilaterales, nuestro instituto comenzó a preparar para noviembre de 2019 el seminario internacional “El Comunismo como horizonte. Problemas culturales, experiencias históricas y desafíos teórico-prácticos”. Sonia y Henrique acogieron con entusiasmo la convocatoria y presentaron de conjunto el resumen de la ponencia *Valores de la derecha y hegemonías culturales*, tema en el cual llevaban un tiempo trabajando con la Asociación Encuesta Mundial de Valores. Sin embargo, era imposible saber que un accidente ocurrido el 25 de julio nos arrebataría a posibilidad

de volvernos a encontrar con Sonia. Era muy triste. En el lapso comprendido entre un seminario y otro habían fallecido tres grandes intelectuales internacionalistas y por eso decidimos dedicarles el evento y homenajearlos: Fernando Martínez Heredia, Ana Cairo Ballester y Sonia María Ranincheski. Así despedimos a los tres, defendiendo las ideas emancipatorias por las cuales ellos habían luchado.

■ Caridad Massón Sena é Investigadora titular do Instituto Cubano de Investigación Cultural Juan Marinello de La Habana.

A vida como força transformadora

Camilo Negri
Flávio Marcelo Busnello

*Me gustan los estudiantes
Que con muy clara elocuencia
A la bolsa negra sacra
Le bajó las indulgencias
Porque, hasta cuándo nos dura
Señores, la penitencia
Caramba y zamba la cosa
Qué viva toda la ciencia!
Caramba y zamba la cosa
¡Qué viva toda la ciencia!
Violeta Parra*

Descrever quem foi a professora Sonia Maria Ranincheski está longe de ser uma tarefa fácil. Certamente foi uma pessoa que, ao partir, deixa saudades, admiração e a marca profunda de sua sensibilidade, intelecto e fineza. Sua vida, breve mas repleta de realizações, foi marcada pela paixão e dedicação aos ofícios da pesquisa e do ensino, desempenhando-os com afinho e comprometimento. Sempre disponível para compartilhar seu entusiasmo por um novo projeto, auxiliar seus orientandos e amigos durante um mate ou para compartilhar suas reflexões em algum café do campus, Sonia cultivou a sua vida acadêmica no mesmo solo em que teceu relações pessoais, de amizade e companheirismo, compondo um jardim de felicidades repleto de colegas, professores e alunos.

Intelectual prolífica, pesquisadora das mais competentes, professora exemplar, Sonia estudou e atuou profissionalmente em duas das mais prestigiadas universidades brasileiras. Na Universidade de Brasília (UnB), onde realizou seu doutorado e amadureceu sua carreira acadêmica, foi vice-diretora, diretora e coordenadora de pós-graduação do Centro de Pesquisa e Pós-Graduação sobre as Américas (CEPPAC), conduzindo atividades administrativas, de ensino, pesquisa e extensão. Realizou pesquisas sobre diferentes temas, sempre mantendo o olhar atento aos acontecimentos e problemas latino-americanos. Contribuiu em diversas instituições, seja como

assessora na Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) ou como integrante de associações internacionais de pesquisa. Acima de tudo, em Brasília construiu laços de amizade e coleguismo baseados no respeito com que tratava a todos e na admiração que todos mantinham por ela.

Em 2013, o retorno para a Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), onde havia se graduado e realizado o mestrado, marcou a consolidação de sua trajetória profissional. Com inúmeras orientações, grupos e projetos de pesquisa e extensão, Sonia manteve a preocupação constante de oferecer para a comunidade acadêmica e, em especial, para seus queridos alunos, oportunidades e experiências que transformassem suas vidas, não apenas como profissionais, mas de forma ampla e plena, assim como havia ocorrido com ela.

Além de extremamente produtivo, o ambiente acadêmico que fazia questão de construir sempre contou com a sutileza, respeito, seriedade e sua plena dedicação, tornando-se um espaço acolhedor, de amizades e intenso desenvolvimento intelectual e profissional. Em sala de aula era visível sua empatia e solidariedade, o que não impedia uma persistente cobrança por dedicação e estudo. A indissociabilidade entre a vida profissional e a pessoal enriquecia suas relações interpessoais, transparecendo a coerência entre seus princípios teóricos, éticos e fraternos e seu comprometimento com as causas que considerava primordiais, causas essas que estavam alinhadas com a transformação da realidade que sabia estar marcada por injustiças e desigualdades sociais que mereciam o empenho em todas as dimensões da vida.

O conhecimento, como fruto de um processo que integra experiência, amadurecimento intelectual, rigor, criatividade e ousadia, é, como sempre afirmava, o resultado do labor ou do “artesanato intelectual”, para usar a expressão cunhada por Wright Mills, autor que ela tanto admirava. Assim, a seriedade empregada na tarefa intelectual transparecia seu prazer em descobrir aspectos novos da realidade social e a paixão em compartilhá-los com seus alunos e colegas. Para isso, a sala de aula parecia insuficiente. Professora no sentido mais pleno, dedicava aos alunos muito mais do que o tempo de preparo das aulas, rompendo as fronteiras entre a sala de aula e a intimidade do lar. Nesse sentido, era sempre receptiva à efervescência estudantil, bem como à curiosidade dos jovens, e procurava estreitar laços não apenas com esses, mas com colegas igualmente dispostos em ressignificar o espaço do ensino.

A plenitude com que exercia a profissão demonstrava a vocação para a pesquisa e ensino e a exemplar capacidade de compreensão e tradução desse conhecimento para seus alunos em uma linguagem acessível e encantadora.

Incansavelmente insistia para que seus estudantes se dedicassem à leitura atenta, disciplinada e crítica dos clássicos, e ao tratar destes, demonstrava o profundo conhecimento de suas obras, fruto da sua dedicação, seriedade e admiração pelos grandes nomes das Ciências Sociais.

Em suas aulas alinhavava diferentes perspectivas analíticas e priorizava a participação e o diálogo, demonstrando respeito por seus alunos, amor pelo ato de ensinar e uma sólida e profunda formação interdisciplinar. Como historiadora, socióloga ou cientista política, foi uma intelectual refinada, que oferecia aos estudantes um olhar abrangente e situado dos temas e autores. Era capaz de estabelecer um ambiente de confiança e reconhecimento, o que era uma fonte de entusiasmo e interesse para os estudantes, que se sentiam à vontade para expor suas dúvidas e ponderações acerca dos conteúdos desenvolvidos, sem constrangimentos ou restrições.

Sonia certamente conseguiu promover a transformação na vida de inúmeros jovens que se sentiam acolhidos e respeitados. Sempre interagiu com os colegas professores e pesquisadores com o respeito e a humildade que caracterizam o bom artesão das Ciências Sociais. Estava sempre disposta a aprender constantemente, ciente de que este é o caminho da emancipação. Atenta a isso, obstinadamente advertia seus estudantes que a potência transformadora presente no conhecimento jamais deveria ser subestimada. Isso lhe motivou a repetir incansavelmente que, frente a uma realidade social e historicamente produzida, nada deve parecer impossível de mudar.

■ Camilo Negri é Doutor em Ciências Sociais, pela Universidade de Brasília (UnB). Professor do Departamento de Gestão de Políticas Públicas na UnB.

■ Flávio Marcelo Busnello é Doutor em Ciência Política pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

Sonia Ranincheski y su relación con la Universidad de Barcelona, España

Nuria Rodríguez Ávila

Hablar de una colega o una compañera de viaje académico es importante, y más cuando ella ya no está para decirle lo que ha supuesto haberla conocido. Descubrí, o mejor dicho, el destino puso en mi camino a Sonia Ranincheski. Ella fue una de las mejores cosas que me han pasado en mi vida personal y profesional. En el verano de 2002 se me concedió una beca de la AECID (Agencia Española para Cooperación Internacional y Desarrollo) como investigadora postdoctoral para ir a Brasil. Esta beca me llevo a Sao Paulo y Brasilia. La estancia fue en la Universidade de Brasilia (UnB) en el centro CEPPAC, y fue el lugar donde tuve la gran oportunidad de conocer a Sonia Ranincheski, pareja de mi estimado amigo Henrique Carlos de Castro, también profesor e investigador, el cual me invitó a hacer una estancia y colaborar en varios proyectos. Nosotros nos habíamos conocido en otro intercambio de investigadores en los veranos 1995 y 1996 en Michigan, Estados Unidos, a través del ICPSR (Inter-university Consortium for Political and Social Research) Summer Program in Quantitative Methods of Social Research de la University of Michigan.

Conocí a Sonia en el momento en que estaba desarrollando su tesis doctoral. Durante mi estancia de quince días en Brasilia, tuve la oportunidad de participar en diferentes seminarios de investigación en los que Sonia Ranincheski demostró sus inquietudes e intereses y todo su capacidad de hacerse preguntas de investigación de gran calado. Tuve la oportunidad de hablar y conversar con ella sobre muy diferentes temas, pero sobre todo fueron muy intensas las largas conversaciones y discusiones sobre la importancia de los estudios comparativos en ciencias sociales y el papel de las élites profesionales en el engranaje de las democracias. Estas charlas no finalizaron al acabar mi estancia en Brasilia, sino que ese fue el principio de nuestras colaboraciones conjuntas. En 2004 celebré con gran orgullo la defensa y obtención del título de doctora de Sonia en el Programa Doctorado de estudios comparados sobre las Americas, con el título *Elites políticas e a questão social no Uruguai e Brasil: 1904 - 1914*. A partir de la lectura de tesis, Sonia Ranincheski supuso su despegue

profesional sobre todo en la línea de investigación de la política comparada, y eso motivó que nuestros intereses se volvieran a unirse con fuerza.

Entre 2007 y 2008 presentamos un proyecto conjunto entre la Universidad de Brasilia y la Universidad de Barcelona financiado por los Ministerios de Educación de ambos países. El papel de Sonia Ranincheski fue fundamental por su seriedad y por saber hacer como coordinadora del proyecto. El título del proyecto fue: *Idosos, Saúde e Bem Estar: estudos comparados entre Brasil, Espanha e Estados Unidos*. Este proyecto creo lazos muy fuertes, realizando reuniones en Brasilia y en Barcelona para el desarrollo de varios proyectos académicos, como son:

- 2008 Msc. Paola Novaes Ramos, en la investigación: *La relevancia social del Jubilado en Brasil y España: trabajo, producción y tiempo en las sociedades contemporáneas*. Universidade de Brasilia (UnB);
- 2008 Dra. Maria Inez Machado Telles Walter, en la realización del estudio: *La dualidad en la inserción política, social y familiar del anciano: estudio comparado de los casos de Brasil, España y EEUU*. Universidade de Brasilia (UnB);
- 2008 Msc. Janara Kalline Leal Lopes de Sousa, en la realización del estudio *¿Cayó en la red es joven? – La contribución de la Internet para la construcción de un protagonismo anciano en Brasil y en España*. Universidade de Brasilia (UnB).

De este proyecto me gustaría destacar el trabajo que realizamos conjuntamente: Rodríguez Ávila, N., Ranincheski, S., Ramos, P. N. *Aproximación al Proceso Social de Jubilación en el Adulto Mayor: Brasil, España y Estados Unidos*. 2008. Series CEPPAC. v. 3.

Durante 2009-2010, planteamos un nuevo proyecto con el título: *Imigrantes brasileiros na Espanha: trabalho, democracia e cultura*. Eso permitió que siguiéramos manteniendo los intereses académicos de trabajar juntas. Este trabajo consistió en una revisión sobre la inmigración brasileña en España bajo la pregunta ¿trabajo, democracia y cultura política? Abordar cuestiones relacionadas con los nuevos trazos del fenómeno migratorio entre Brasil y España. Se trataba de conformar un equipo interdisciplinario, con enfoques sociológicos, antropológicos y de ciencia política, priorizando elementos de cultura política. En esta ocasión Sonia era integrante, y el coordinador fue Henrique Carlos de Oliveira de Castro, financiado a través del CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior.

Posteriormente, Sonia solicitó una estancia postdoctoral, en 2010-2011, en École des Hautes Études en Sciences Sociales, EHESS, França. Esta estancia nos permitió encontrarnos de forma informal nuevamente en Barcelona para charlar de la vida personal y académica.

El último proyecto en el que trabajamos conjuntamente era en el CESPRI (Cultura política, Estado e Relações Internacionais), en el que estábamos trabajando para realizar el artículo “Élites, desigualdad y desarrollo en América latina: un estudio de opinión pública en Brasil, Bolivia, Venezuela e Uruguay”, pero que no hemos podido finalizar.

Es difícil despedir a un amigo y más aun amigo académico, pero Sonia siempre estará conmigo, sobre todo su forma de ver los problemas y afrontar los retos que nos plantea la vida, y siempre con una sonrisa.

■ Nuria Rodríguez Ávila é Vice-diretora de Relações Externas, Compromisso Social e Estudantil da Faculdade de Economia e Empresa da Universidade de Barcelona.

Nossa professora e orientadora

Equipe CESPRI

Gestado desde 2014 e oficialmente fundado em 2016, o Núcleo de Estudo e Pesquisa em Cultura Política, Estado e Relações Internacionais (CESPRI) é um dos maiores legados deixados pela Professora Sonia Ranincheski.

Como alguns dos seus estudantes relatam, a Professora Sonia chegou à UFRGS com o desejo de ter grupo de pesquisa ativo, autônomo, cooperativo e engajado. E desse desejo, surgiu o CESPRI. Originado quase que de forma orgânica, o CESPRI foi sendo formado principalmente por estudantes que, ao terem aulas com a Professora Sonia, se sentiam tocados pelo conhecimento por ela compartilhado, e encontravam, a partir desse contato com ela, um sentido na graduação que estavam fazendo.

Contrariando as formas comuns dos grupos de pesquisa existentes nas universidades brasileiras, a Professora Sonia pensou o CESPRI como a ponte que levaria a pós-graduação para dentro da graduação. Contrariando também as fortes linhas teórico-metodológicas do curso de Relações Internacionais da UFRGS, a Professora Sonia trouxe ao centro da discussão temas que antes não faziam parte do debate acadêmico ali presente. Naturalmente, seus passos de coragem e inovação levaram à criação de um grupo marcado pela integração, colaboração, curiosidade e autonomia dos seus estudantes, que, mesmo depois de graduados, permanecem ativos, participando do grupo. E, também de forma muito natural, os resultados acadêmicos vieram: em todos os anos que o CESPRI participou do Salão de Iniciação Científica da UFRGS, pelo menos um de seus estudantes foi premiado.

No entanto, nada disso seria possível sem a distinta habilidade da Professora Sonia de ser, afinal, professora. Habilidade pela qual é sempre lembrada, por ter sintetizado tão bem o significado da palavra. Com seu jeito doce e bastante firme, a Professora Sonia – ou simplesmente, Sonia, como ela mesma fazia questão de ser chamada – tocou muitas dezenas de alunos, que viam nela uma pessoa que lhes abria as portas do conhecimento e guiava-os por meio de histórias, ensinamentos, provocações, dúvidas, muitas risadas e algumas broncas, sempre com muita ternura. Foi, para muitos de nós, uma confidente, uma amiga e uma mãe, uma pessoa rara nos ambientes universitários.

Em vida, recebeu muitas homenagens que expressaram a gratidão dos seus estudantes; mas, com uma humildade que lhe era característica, sempre ficava risonha e sem graça com esses momentos. Sua última homenagem foi feita pela CESPRI, no início do ano letivo de 2019. Naquela ocasião, Sonia confessou sua tristeza com a conjuntura social e política do país, mas disse ter ganhado um sopro de esperança com a surpresa feita pelo grupo.

A Professora Sonia sempre encontrava nos seus alunos um motivo para continuar e seguir em frente, mesmo diante das adversidades que apareciam em seu caminho. E isso resume como nós, estudantes da eterna Professora Sonia, a víamos: tenaz e doce, sóbria e esperançosa, mas, sobretudo, resiliente no seu desejo de um mundo melhor e mais justo.

Eternizada em todos nós com o seu lema “Estudar, estudar e estudar!”, a Professora Sonia nos tocou de formas diferentes, e, por isso, nada mais justo do que deixar os próprios alunos do CESPRI falarem sobre ela. Reunimos aqui os depoimentos dos seus alunos baseados numa pergunta que ela sempre fazia para nós quando íamos nos apresentar aos novos alunos que entravam CESPRI: “Quanto tempo de CESPRI? E por quê?”.

"Eu faço parte do CESPRI desde que ingressei no Mestrado, em 2016. Ainda naquela época, quando começavam a se firmar alguns dos pilares que hoje fazem o CESPRI ser CESPRI, eu já sentia que algo naquele grupo se diferenciava de todos os que conheci ao longo da minha trajetória. E parte disso não se explica somente pelo senso de grupo e relações de igualdade que eram tidos como o mínimo comum para que o CESPRI funcionasse, mas, especialmente, pelo fato de que o CESPRI foi gestado de uma forma que todos os que dele fizessem parte crescessem de forma conjunta, cada um à sua etapa. Como pós-graduanda, das muitas lições valiosas que aprendi, uma delas é a de que o grupo cresce quando todo mundo cresce junto.

E essa é uma das marcas que a Sonia deixou nas nossas vidas. Pois o CESPRI nada mais é do que um reflexo de tudo o que ela sempre defendeu e acreditou que seria o melhor para a Universidade, e para cada um de nós, como indivíduos. Nunca mais esqueci a última conversa que tivemos pessoalmente: em um dos nossos dias comuns no “Bar da Beta”, eu reclamava sobre os rumos da Universidade, da situação política do

país, e ela me ouviu pacientemente. Quando precisou ir embora, ela parou na porta, virou para trás e disse: “estou te achando muito desanimada, e tu és muito jovem para estar desanimada”. E essa era a Sonia. Que sempre acreditou na força da juventude e no nosso poder de fazer diferente, de buscar mudar a realidade que nos cerca. No entanto, somente poderíamos fazer isso se estudássemos muito – pois só podemos mudar a realidade quando a conhecemos. Eu jamais vou esquecer esse misto de força com doçura e de resiliência com bondade que ela sempre representou para a gente. Jamais vou esquecer todas as conversas que tivemos com o nosso café e quindim, nas quais ela me ajudava a encontrar os melhores caminhos possíveis. A impressão que a Sonia deixou nas nossas vidas vai ficar marcada para sempre. E, se no futuro eu for um décimo da professora que ela foi para nós, saibam que é porque há muito dela em cada estudante que teve o prazer de conviver ao seu lado.”

Adriana Pilar Ferreira Albanus

“Dois anos. O CESPRI me ensinou como podemos trabalhar em grupo, mesmo com objetivos tão distintos, permitindo que possamos desenvolver nossos interesses enquanto crescemos juntos. Sei que cresci, não somente como estudante, com o apoio do grupo. Sonia sempre mostrou entusiasmo e carinho com seus alunos, isso me cativou quando conheci ela e o CESPRI. Foi a primeira pessoa com quem conversei sobre meu desejo de seguir no mestrado, e me ajudou a entender os meus interesses verdadeiros na pesquisa, sempre estando disposta a nos auxiliar no processo de alcançar nossos próprios objetivos. Quando precisei me afastar por um período por motivos pessoais, sua gentileza e empatia (acima de tudo) me marcaram, sempre mantendo as portas abertas para que pudesse retornar. Sonia inspira, como outros professores com quem temos a sorte de cruzar trajetórias, o real sentido da docência.”

Ana Paula Hendges

“Estou no CESPRI há três anos, foi ali que desenvolvi habilidades fundamentais para elaborar minhas pesquisas e conheci, de fato, o universo acadêmico. Além disso, tudo em que trabalhei foi feito coletivamente, com auxílio de pessoas dedicadas e qualificadas que

transmitiram um pouco do seu conhecimento e, principalmente, apoio. Toda essa cultura e dinâmica do grupo só se consolidou graças à nossa fundadora, a professora Sonia. Seus ensinamentos reverberam a cada passo que tomamos; apesar de não estar mais entre nós, ela se faz presente todos os dias. Pessoalmente, carrego comigo as suas palavras, que continuam sendo fonte de motivação, sobretudo em tempos difíceis como este. Sua falta é imensurável, mas a Sonia foi uma orientadora que sempre prezou pela autonomia de seus pupilos, por essa razão seguimos fortes e buscamos reproduzir aquelas que um dia foram suas diretrizes.”

Bianca Ferreira de Andrade

“São dois anos e meio de CESPRI até agora. Ainda lembro muito bem do dia em que a Professora Sonia me convidou para participar de uma reunião do grupo, eu que estava bastante tímida e receosa, recém-chegada em Porto Alegre para cursar o mestrado. Nesse processo de adaptação e inserção na pós-graduação, o apoio vindo da Professora Sonia e do Professor Henrique e a sinergia entre os colegas do CESPRI foram essenciais. No CESPRI, pude aprender sobre a importância do trabalho em equipe e sobre como a formação universitária engloba muito mais do que a sala de aula: nosso grupo é marcado principalmente por isso. E somos, afinal, resultado do esforço da Professora Sonia, que nos provocava e nos orientava para irmos mais além, tanto na busca por conhecimento quanto no nosso desenvolvimento profissional e pessoal. Para mim, a Professora Sonia ficou marcada como um rico exemplo a ser levado para o resto da vida; um exemplo de professora e de orientadora, um exemplo de autonomia e de liderança, um exemplo de como podemos ter um olhar dedicado, firme e, ao mesmo tempo, afetuoso naquilo que fazemos.”

Débora de Oliveira Santos

“Entreí no CESPRI há três anos, quando conheci a Sonia em sala de aula e me encantei pela forma como ela se preocupava com os alunos. Desde então, a Sonia sempre me inspirou com sua história e me incentivou a combater minhas inseguranças, sempre confiando no meu potencial. Por

causa dela, pude chegar à pós-graduação e desejo um dia conseguir replicar tudo o que ela me ensinou.”

Greice Caroline Silva de Souza

“Foram dois anos de CESPRI cheios de aprendizados sobre a academia e a pesquisa com pluralidade de temas, apesar da proposta do grupo ser bem definida. A Sonia, quase que por milagre, despertava em nós a vontade de sair da zona de conforto em busca do conhecimento necessário para atingir os objetivos na universidade e, por conseguinte, na vida. Seu legado segue vivo na avidez das pesquisadoras e dos pesquisadores que puderam testemunhar sua luz. Adotamos como mantra, cada um à sua maneira, a máxima da Sonia: Estudar, estudar, estudar!”

Guilherme Portilho Mendes

“Dois anos de CESPRI. Compartilhar essa experiência a partir do olhar generoso da Sonia foi uma grande oportunidade de aprendizado em todos os sentidos. Pelo lado acadêmico, poder aprender coisas novas com um grupo muito diverso em termos de interesses, pesquisas, idades, formação e experiências. Pelo lado profissional e ainda enquanto estudante de pós-graduação, foi incrível poder voltar a ter contato e troca com estudantes que ainda estavam na graduação, compartilhando o meu conhecimento e também aprendendo com eles e com a prática de dividir esse espaço de convivência e pensamento. Como ser humano, me ajudou a compreender e praticar a capacidade de dialogar e acolher diferentes perspectivas em prol sempre de um propósito social e educativo maior. Com a Sonia e o CESPRI, aprendi que nossa atividade precisa sempre possuir um sentido que cause um impacto positivo na vida de quem participa do grupo e da sociedade como um todo. No CESPRI, antes dos conteúdos sobre política, a Sonia pelo exemplo e pelas palavras nos ensinou que é possível ter e construir ativamente uma experiência acolhedora, integrada e cooperativa dentro da universidade. No ambiente criado pela Sonia no CESPRI, nunca houve tema, pesquisa, objeto, interesse, proposta ou dúvida que não tenha sido ouvida e considerada com seriedade; todos os tipos de contribuições e experiências importam. Acredito que o maior legado e marca da Sonia no grupo dizem respeito à

valorização da singularidade de cada estudante e à busca pela formação mais completa possível, para muito além dos muros da universidade. Além disso, ninguém passa pelo grupo sem compreender e carregar consigo a importância de termos um propósito maior, coletivo e mais generoso na nossa atuação profissional e pessoal.”

Jéssica da Silva Duarte

“Eu ingressei no CESPRI no segundo semestre de 2018, no meu segundo ano de graduação em Relações Internacionais. Na ocasião, cursaria a disciplina de Organizações e Regimes Internacionais, ministrada por uma docente que eu ainda não conhecia. Já na primeira aula, essa professora propôs um método disciplinar diferente daquela metodologia convencional que eu e meus colegas tivemos três semestres para nos acostumar. Oposto à aula expositiva em que o professor declama perante os alunos saberes até então desconhecidos a estes, ela possuía como modelo de aula a primazia do aprendizado do aluno através da discussão de textos e da construção conjunta entre docente e discentes. Lembro-me bem que, mesmo com essa proposição, ela fez daquela aula um espaço para serem ouvidas dúvidas e sugestões sobre como essa forma de aprendizagem encaixar-se-ia com o decorrer das aulas. Suas aulas constituiriam não uma tentativa de arrastar os alunos a um campo de conhecimento muito familiar a professores universitários com extensa bagagem intelectual, mas a aproximação da então professora para o espaço, ainda em desenvolvimento, dos saberes dos jovens discentes. Logo me encantei pela diferente forma de desenvolver conhecimento, atributo este comum ao núcleo de estudos conduzido por ela e pelo também professor Henrique de Castro, a que eu viria a me juntar. Muito aprendi com aquela disciplina e com as atividades estabelecidas no CESPRI. A relevância da figura do estudo e do fazer científico no desenvolvimento do conhecimento, apoiada na diminuição dos espaços entre professores e alunos, e uma consequente livre, porém robusta, e aguçada, embora tenaz, convergência de ideias e pessoas demonstraram-se perante a mim como obra não do acaso, mas de uma astuta e acolhedora educadora que chamava-se Sonia Maria Ranincheski, que ainda vive em

brilhantes memórias e gentis saberes em pessoas que, como eu, tiveram o júbilo de conhecê-la.”

João Pedro Mascarello Funck

“Antes de começar a trabalhar de perto com a professora Sonia, estava desmotivada com a faculdade, sem encontrar sentido naquilo que deveria estar aprendendo. A Sonia me ensinou a importância de estudar e a gostar de aprender! Plantava em todos nós a sementinha da curiosidade, a vontade de saber mais. Foram três anos de CESPRI, numa experiência única de como trabalhar em grupo, ter autonomia e vontade de contribuir.”

Larissa Maria Zimnoch

“Estou há três anos no grupo. O CESPRI foi o local onde eu pude encontrar espaço para pesquisar assuntos menos bélicos dentro do curso de Relações Internacionais, com um grupo disposto a discutir e ajudar no refino desses assuntos. A professora Sonia sempre incentivava pesquisas diferentes, desde que possíveis dentro da realidade da graduação. Lembro dela apontando que eu gostava de assuntos complexos – o que sempre encarei de forma positiva, visto que ela gostava de nos lembrar da complexidade do mundo, mas eu também ficava levemente ansioso, visto que isso representaria uma maior dificuldade. Como grande mentora – acadêmica e da vida – que foi (e como dói utilizar o verbo no passado), a Sonia deixou comigo – e com aqueles que se permitiram – a vontade latente de compreender esse mundo, buscando sempre o conhecimento que falta e o refino daquele que já se tem.”

Luiz Eduardo Kuhn Facchin

“Sempre gostei de dizer que entrei no CESPRI antes de o CESPRI ter esse nome. Em 2016, quando recebi uma mensagem de WhatsApp de uma professora que nunca tinha visto, nunca imaginei tudo o que viria a seguir. O CESPRI me ensinou a pesquisar, me motivou a estudar sobre o que eu queria aprender, a entender como o conhecimento deve ser colaborativo. É difícil explicar que a professora Sonia, que tinha o sorriso mais bonito de todos, sempre se mostrou muito preocupada com os seus estudantes e empenhada a abrir um espaço para cada um. A Sonia fazia

com que todos se sentissem bem, acolhidos e dispostos a trabalhar por um mundo melhor.

Não sei se essa parte faz sentido entrar para a homenagem, mas eu estava escrevendo aqui e lembrei desse episódio e quis contar. Acho que quem estiver lendo é provavelmente outra pessoa que amava muito a Sonia. Minha memória preferida dela é de uma aula de Seminário de Estado, que ela deu no segundo semestre de 2017. Lembro de pegar o celular no intervalo da aula e receber uma mensagem da minha irmã dizendo que o meu pai – esperando pra entrar na fila de transplante de rim havia dois anos – tinha finalmente conseguido alcançar os requisitos. Obviamente, eu comecei a chorar muito. A Sonia olhou pra mim e eu expliquei pra ela o que tinha acontecido. Nunca vou esquecer dela dizendo ‘então, pessoal, vamos cancelar o resto da aula, porque acho que a Mariana merece, né, quem quiser está convidado pra ir ali pro bar pra gente ficar conversando’, e a gente conversou pelas duas horas e meia seguintes, mais ou menos, sobre tantas coisas. A Sonia foi uma das melhores pessoas que eu conheci na minha vida e eu sinto saudades dela todos os dias, mesmo fora da universidade, mesmo não convivendo mais tanto com o pessoal do grupo. Obrigada por fazerem essa homenagem.”

Mariana Pires Theodoro

“Minha vida acadêmica e a existência do CESPRI se confundem; como a Sonia dizia, eu estou no CESPRI antes mesmo de ser CESPRI. Comecei a trabalhar com a Sonia em 2014, logo no início da graduação, e ela sempre deixou claro seu desejo em ter um grupo, mas isso ia além de algo institucional. Para falar a verdade, eu não entendia como era esse grupo que a Sonia tanto buscava, mas quando o CESPRI enfim surgiu, isso finalmente fez sentido. No CESPRI, e tendo a Sonia como orientadora, eu participei de três Salões de Iniciação Científica, fiz meu TCC e entrei no mestrado, mas, além disso, eu aprendi que a academia pode ser colaborativa. Sempre vou levar em mim o exemplo de mulher, pesquisadora, orientadora e professora que a Sonia foi, e guardo as palavras que aprendi quando fomos a Cuba juntas: la palabra vive al replicarse.”

Marielli Prestes Bittencourt

“Eu comecei a participar ativamente do CESPRI em 2018. O grupo de pesquisa, iniciado pela Sonia, foi o que mudou minha relação com a vida acadêmica e fez eu perceber o quanto gostava do meu curso de graduação. A Sonia foi quem me instigou e fez eu me interessar por pesquisa, me ajudando a decidir os caminhos que eu gostaria de seguir.”

Paolla Grazielly Codignolle Souza

“Eu participo há meio ano do CESPRI. É através dele que eu tenho o meu maior contato com a área da pesquisa – de que tanto gosto. Tive a cadeira de Introdução às Relações Internacionais com a professora Sonia. Meu primeiro contato com a universidade foi com ela. A aula dela era incrível: a forma livre e madura com que ela lidava com a turma e conduzia a disciplina fez com que eu fosse muito bem introduzido à universidade. Lembro-me de ela sempre dizer que ‘quem faz a universidade são os estudantes’, ressaltando a importância de nossa participação nas dinâmicas da faculdade. Isso me foi muito importante, pois entendi que a universidade não se reduz à sala de aula. Não obstante, as leituras da disciplina e a paixão pela docência, que emanava de suas palavras, me fizeram me apaixonar pelas Relações Internacionais.”

Pedro Henrique de Almeida Longo

■ Equipe do Núcleo de Pesquisas e Estudos de Cultura Política, Estado e Relações Internacionais da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (CESPRI).

Sonia Ranincheski, minha orientanda

Fernanda A. da Fonseca Sobral

Conheci Sonia enquanto aluna do doutorado em Estudos Comparados sobre as Américas, na UnB. Nessa ocasião, enquanto professora do Departamento de Sociologia e colaboradora também nesse programa, lecionei, junto com o querido e saudoso Roberto Cardos de Oliveira e com também meu querido colega Henrique Carlos de Castro, a disciplina “Paradigmas em Ciências Sociais”, na qual procurávamos apresentar e discutir as principais linhas de pensamento na Antropologia, na Sociologia e na Ciência Política. Já nessa ocasião, Sonia se mostrava uma estudante atenta e curiosa, qualidades por mim apreciadas, já que a curiosidade é que induz à pesquisa e à ciência em qualquer área de conhecimento. Além disso, percebi claramente o seu pendor pela abordagem interdisciplinar, ou seja, ela era uma historiadora de formação, mas que transitava entre a Sociologia e a Ciência Política.

Mais adiante, Sonia veio me procurar pedindo para que eu a orientasse na sua tese de doutorado sobre *Elites e Trabalho no Brasil e no Uruguai*, na qual ela iria refletir sobre as razões pelas quais as elites parlamentares brasileiras e uruguaias incluíram o tema da questão social e das leis trabalhistas na sua agenda política no início do século XX. Ainda que a Teoria Sociológica seja fundante para todas as nossas áreas de pesquisa, o fato de eu trabalhar sobre a temática das relações entre universidade, ciência, tecnologia e sociedade me fez sentir receosa em orientar uma tese sobre um assunto até certo ponto distante do que pesquisava naquele momento. Porém, diante da insistência de Sonia e da sua autonomia já demonstrada como pesquisadora, resolvi aceitar o desafio. Deu certo.

Sonia defendeu sua tese em 2004, que foi publicada em livro, com o mesmo título, no ano de 2010, pela Editora da UnB. Nessa ocasião, tive o prazer de escrever o prefácio, no qual mostrei que a autora explicava os principais conceitos utilizados, como o de questão social em Robert Castel e Pierre Rosanvallon, de política e elites em Weber, Manheim, Mills, Mosca, Pareto e Michels, como também os conceitos de campo e habitus em Bourdieu. Também fazia uma extensa análise documental dos discursos das elites parlamentares nos Anais da Câmara dos Deputados do Brasil e nos Anais de la Universidad de la Republica e nos Diarios de Sesiones de la Camara

de Representantes no Uruguai, conseguindo, assim, aliar teoria com pesquisa empírica detalhada. Nessa tese que virou livro, pode-se observar a sua competência como historiadora, mas procurando analisar as condições de produção desses discursos enquanto socióloga. Sem esquecer que a sua grande atração se voltava para a história do pensamento social nas Américas, tanto que passei também a admirar, por meio do seu estudo, a figura de Enrique Rodó, deputado uruguaio desse período a quem ela considerou como um intelectual liberal que se eternizou como radical.

Uma das conclusões da autora no seu livro é que, no Brasil, a questão social, no início do século passado, foi pensada enquanto regras trabalhistas e previdenciárias, numa primeira etapa para os funcionários públicos, depois ampliadas para os outros trabalhadores, enquanto no Uruguai a legislação já se referia aos trabalhadores em geral, embora em nenhum dos países os trabalhadores rurais tivessem sido incluídos. Para se entender essas diferenças nos discursos, as palavras, os pronunciamentos e os projetos dos deputados deviam ser considerados dentro das relações de força do campo político. No caso do Brasil, ela chama atenção para algumas características, como a nossa recente herança escravista e as disputas partidárias regionais.

Porém, destaquei no prefácio que o trabalho realizado atestava que as novas tecnologias da informação e comunicação foram largamente utilizadas para a análise dos discursos no início do século passado sobretudo no Brasil, cujas sessões da Câmara Federal estão todas disponíveis na Internet, ao passo que no Uruguai Sonia teve que se debruçar sobre os diários escritos, mas que foram organizados a partir de certos softwares, evidenciando assim a força das tecnologias para a produção do conhecimento científico. Continuo a ressaltar, como naquela ocasião, que precisamos ter ciência e tecnologias apoiadas e desenvolvidas, mas, também, legislação trabalhista que possibilite a redução das desigualdades sociais.

Em 2009, já enquanto professora do Centro de Pesquisa e Pós Graduação sobre as Américas (CEPPAC), Sonia organizou, junto com a minha querida e também saudosa colega Ana Maria Fernandes, o livro *Américas Compartilhadas* (título que considero maravilhoso!), publicado pela Editora Francis e Verbená Editora. Nesse livro, elas iniciam a apresentação afirmando que “O uso do recurso estilístico ‘Américas (com)partilhadas’ é uma analogia para destacar o quanto a ideia de união continental – pensada por lideranças históricas – ainda se mostra na prática como uma utopia”. Tratava-se de uma coletânea de artigos como resultado de pesquisas e análises voltadas para a compreensão de alguns dos muitos problemas e dilemas presentes nas Américas em diferentes áreas de conhecimento. Pesquisas essas

desenvolvidas no então CEPPAC, hoje chamado de Departamento de Estudos Latino-Americanos (ELA). Nesse livro, Sonia é também autora, junto com Simone Rodrigues Pinto, do capítulo sobre “O pensamento social de Jose Carlos Mariátegui e Victor Raul Haya de La Torre”, em que elas destacam que a análise do pensamento social no período em questão mostra a historicidade de temas como o imperialismo econômico norte-americano, a questão da terra e a subalternização dos indígenas, que são recorrentes no debate sociológico e político até hoje.

Particpei desse livro junto com uma ex-orientanda, Renata Campos Motta, com um capítulo sobre “O Risco dos OGMs: um conflito entre os campos políticos, científico e econômico”, no qual analisamos as relações de luta entre os campos político, econômico e científico na definição dos riscos sanitários, a partir do exemplo das políticas para os OGMs dos Estados Unidos, Canadá e Argentina, em oposição às políticas europeias.

Finalmente, gostaria de dizer que a questão social e a legislação trabalhista, tão caras à Sonia enquanto objetos de estudo, continuam sendo da maior importância na atualidade para análise, debate e, sobretudo, para a ação pública.

Porém, me permitindo sair um pouco do meu depoimento sobre Sonia como estudante, orientanda e pesquisadora, ela também se tornou minha amiga. Encontrávamo-nos em churrascos regados a vinho ou em cafés. Conversávamos muito, também sobre a vida. Um dia, ela, percebendo a minha falta de habilidade ao abrir uma garrafa de vinho, me trouxe de Paris um novo abridor muito mais fácil. Guardo e uso até hoje com carinho e saudades...

■ Fernanda A. da Fonseca Sobral é Doutora em Sociologia pela Universidade de Brasília (UnB). Professora/Pesquisadora Colaboradora Sênior do Programa de Pós-graduação em Sociologia na UnB. Vice-Presidente da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC).

Chercheure invitée au CESPRA-EHESS

Gilles Batallion

J'ai connu Sonia Ranincheski il y a quelques dix ans à l'occasion de sa venue en France. Professeure, spécialiste de la question sociale au Brésil, elle choisit en 2010 de venir faire une enquête comparative sur « la questao social e o mundo do trabalho », enquête dont le sous-titre dit bien l'ampleur de vue : « os valores e crenças em perspectiva comparada Brasil e França: A democracia e a questao social em comparação entre Europa e America Latina ». Bonne connaisseuse des travaux de sociologues historiens qui faisaient la réputation de l'EHESS, au premier chef Robert Castel et Pierre Rosanvallon, elle appréciait beaucoup le style interdisciplinaire de l'EHESS. Elle était de plus très désireuse d'être accueillie au Centre d'études sociologiques et politiques Raymond Aron (CESPRA). Elle appréciait la façon dont certains de ses membres abordaient la question du politique comme matrice du social. Elle n'était pas moins sensible au fait que plusieurs de ses membres menaient des recherches pas seulement sur les pays centraux mais sur le monde ottoman ou l'Amérique latine, comme sur la place de l'Islam dans l'espace public européen.

Son projet me donna d'emblée l'impression d'une femme à la pensée claire et parfaitement ordonnée et surtout de quelqu'un qui savait ne pas se laisser enfermer dans les barrières de la science la plus conventionnelle. Politiste tout à fait chevronnée, proche de Inglehart et de ses perspectives quantitativistes et de ses enquêtes longitudinales, Sonia pratiquait néanmoins une science politique très ouverte non seulement sur les sciences sociales, mais plus largement sur les grandes œuvres de pensée, tout à la fois politiques et philosophiques. Sonia mobilisait ainsi avec bonheur la sociologie historique, comme la sociologie du travail, mais aussi les travaux de juristes engagés, comme les réflexions pour le moins antagonistes de Marx et de Hannah Arendt sur la fonction du travail.

Son arrivée au CESPRA en 2011 et son séjour de plus d'un an en France, comme chercheure associée à l'EHESS, me confirmèrent dans les jugements que je m'étais formulé à la lire. Sonia était quelqu'un dont la personnalité s'imposait : une grande femme à la coupe au carré, un regard d'un bleu intense dont le sérieux allait de pair avec une incontestable malice. En bref on ne lui la faisait pas ! Elle était par

ailleurs d'une remarquable chaleur et d'une très grande générosité dans ses rapports avec les membres du CESPRA, qui pour certains la regardait un peu de haut avec cet insupportable ethnocentrisme des intellectuels français persuadés de la supériorité de leurs savoirs, comme du côté très exceptionnel de leur hexagone. Elle n'était pas moins attentive et généreuse avec les étudiants et tout particulièrement prête à aider les brésilianistes. Sonia travaillait sans forfanterie avec un grand talent. Sa venue à mon séminaire durant toute une année scolaire fut des plus enrichissantes. Elle avait non seulement l'art de la discussion courtoise, mais elle savait aussi être d'une grande fermeté teinté d'une incroyable bienveillance à l'encontre de ses interlocuteurs. Elle avait en particulier l'art de retourner les étudiants avec une ironie toute socratique. Elle démontait tranquillement, sans hargne aucune, les jeunes étudiants français qui pensaient tout savoir sur l'Amérique latine, alors qu'ils n'avaient dans l'ensemble, plus des visions militantes pleines de bonnes intentions, que des connaissances du sous-continent. Sonia leur faisait remarquer sans fard que, peut-être, se berçaient-ils un peu d'illusions, notamment ceux qui pensaient que le socialisme du XXI^e siècle de l'ALBA allait amener monts et merveilles. De même invitait-elle à la prudence devant certaines expériences du PT censées tout révolutionner, notamment l'expérience des budgets participatifs qu'elle connaissait bien pour être originaire de Porto Alegre. Chacune de ses interventions étaient des appels à considérer les faits sans œillères et pas seulement les intentions programmatiques. Elle n'était pas moins décapante face aux étudiants latino-américains qui parfois, à bout d'arguments, avançaient qu'il fallait être latino-américain pour comprendre certains phénomènes. Elle plaidait tranquillement que le fait d'être un observateur extérieur permettait aussi une plus grande liberté de jugement et que de telles choses n'était nullement à dédaigner, bien au contraire. Je l'entendis ainsi vanter les apports des scientifiques sociaux étrangers à l'Amérique latine et la valeur de leurs regards comparatistes ; visions décentrées beaucoup plus difficiles en Amérique latine où l'accent est avant tout mis sur l'étude des réalités nationales.

Je me souviens ainsi d'une de ses interventions particulièrement marquantes. La séance avait été consacrée au livre classique de Cardoso et Faletto, *Dépendance et développement en Amérique latine*. J'en avait longuement discuté les apports du tout en soulignant les nombreux emprunts, pas toujours explicites, de ces deux auteurs aux premières éditions du grand livre de Tulio Halperin Donghi, *L'Histoire contemporaine de l'Amérique latine*, dont ils reprenaient peu ou prou la périodisation. Des étudiants remarquèrent que Cardoso était devenu un

« réactionnaire » et que du coup son livre ne méritait pas tant d'attention. Avant même que je réplique, Sonia prit la parole. Elle dit tout sourire que l'argument était sans intérêt et qu'elle se félicitait que l'on puisse parler d'un tel texte sans œillères et qu'une telle chose ne serait pas possible en Amérique latine et encore moins au Brésil. Elle se félicitait que l'on puisse penser à distance des engagements politiques les plus immédiats. Elle vanta aussi les valeurs des regards décentrés prenant à rebours la vulgate de certaines des *subaltern studies* qui mettent à mal l'idée d'universalisme et ne sont que trop souvent le paravent d'un nationalisme pour le moins étriqué. De même mit-elle à plus sieurs reprises tout son poids dans la balance pour me seconder dans mes tentatives de convaincre les étudiants que l'intelligence de l'Amérique latine la plus contemporaine passait par la lecture de textes anciens parfois trop oubliés, Sarmiento, Rodo, Dario ou Marti, comme Haya de la Torre et Mariategui ou des écrivains contemporains souvent frères ennemis, Octavio Paz et Carlos Fuentes, Garcia Marquez et Mario Vargas Llosa.

Sonia était de plus d'une curiosité passionnée pour la France et ses mœurs. Bonne connaissance des sciences sociales françaises, elle était avide de comprendre par delà les livres les manières des Français qu'elle observait dans les lieux publics : les transports en communs, les commerces, les bistrotts et les restaurants qu'elle aimait fréquenter. Un certain style d'égalité, l'insolence des garçons de café, la capacité des gens à s'engueuler au zinc piquaient sa curiosité. Autant de scènes qui faisaient l'objet d'interminables discussions entre nous avec son mari. De même étaient elle, comme lui, avide de comprendre d'où venaient les étudiants de l'EHESS, de saisir leurs trajectoires sociales, comme de comprendre les habitus de leurs professeurs.

Rien ne l'amusait plus que certaines histoires que je pouvais lui raconter de mon village d'adoption des Hautes Alpes où je lui mettais en scène les tensions nées du développement de ce tourisme prédateur que sont les sports d'hiver. De même fut-elle très sensible à mon invitation à aller visiter le salon de l'agriculture où se manifestait par delà certains clichés trop convenus sur la ruralité et les terroirs un certain style d'égalité démocratique.

■ Gilles Batallion é Sociólogo e Pesquisador do Centro de Estudos Sociológicos e Políticos Raymond Aron da Escola de Estudos Superiores em Ciências Sociais (EHESS), Paris, França. Professor afiliado à Divisão de História do Centro de Pesquisa e Ensino Econômico (CIDE), Cidade do México.

Estudar é a maior rebeldia dos pobres

**Ana Paula Fraga
Carla Mendonça
Luana Isabelle Beal
Marielli Bittencourt**

“Estudar, estudar, estudar.” Essa frase, sempre ouvida da Sonia, faz-nos orientandas, mas também companheiras de aprendizado e de lutas, diplomáticas lutas, uma melhor descrição da forma como ela nos incluiu em sua vida. Fomos inspiradas a estudar não apenas por palavras, mas por exemplo, por acompanharmos a sua práxis. Ela nos mostrava que “o único caminho é estudar muito”, é ter como prioridade a busca pelo conhecimento, em suas diversas formas.

Esse era o jeito de orientar da Sonia: ensinar e instigar, mas também aprender conosco. Era uma orientação para a vida, para os desafios profissionais e pessoais. Era também para acordar em nós uma consciência latino-americana intensa, levando-nos além da concretude da nossa brasilidade.

Aprendemos com ela a compreender as Ciências Sociais com amplitude teórica, crítica e sensibilidade humanista. “Estudar é a maior rebeldia dos pobres”, repetia. Ela não se restringia a uma teoria, tinha curiosidade por todas as perspectivas de estudo e, assim, dava-nos liberdade para pesquisarmos sobre o que acreditávamos ser relevante para a sociedade. Era apaixonada por compreender a vida em sociedade.

A Sonia era uma mulher de inúmeras qualidades. Era uma acadêmica de valores sólidos, que se posicionava diante dos pares. Carregava postura ética robusta, princípios coerentes, rigor metodológico e dedicava-se de corpo, mente e espírito ao ensino e à pesquisa das Ciências Sociais.

Tinha habilidades admiráveis como professora. Sabia instigar os alunos a irem além da leitura, encorajava o pensamento inovador e incentivava a dúvida, salientando sempre que é da dúvida que surge uma descoberta.

Seu esforço era para despertar nos alunos capacidade interpretativa do conhecimento. Para isso, no entanto, como ela mesma mostrava com suas atitudes, era necessário disciplina para trabalhar com tanta leitura, com as tantas obras, com as tantas explicações das dinâmicas na história e na contemporaneidade que ela nos

sugeria. Sua metodologia de ensino era o acolhimento e o estímulo à independência. Queria que seus alunos criassem caminhos e não simplesmente a seguissem.

Para quem iniciava um curso de graduação, mais do que introduzir-nos ao programa, ela queria nos apresentar à Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) amplamente, a universidade a qual ela tinha muito orgulho de ter como *alma mater*. Apresentar-nos à universidade devia ser uma tarefa complicada para ela, afinal, para nós, são tantos aspectos, tantas novidades, que fica difícil resumir. Em tempos difíceis para a Universidade de Brasília, reunia-se com a gente para debater serenamente as lutas políticas dentro da instituição.

Ela queria que tivéssemos experiências universitárias amplas, que conhecêssemos os campi, participássemos do movimento estudantil, mas, principalmente, que conhecêssemos a história dessas instituições e seus papéis na sociedade. Começava pelo mais importante: a universidade somos nós, as pessoas que ali estudam, trabalham e convivem. E salientava: como estudantes, temos o dever de usá-la não apenas para transformar nossas próprias vidas, mas principalmente para transformar a realidade.

Ela fazia questão de que entendêssemos que éramos privilegiados por estarmos lá. Mal sabia ela que um dos maiores privilégios era ter uma professora como ela, que se preocupava com a nossa formação enquanto indivíduos, formação não apenas acadêmica, mas social.

Programa Bolsa Família, participação política dos jovens, organização não-governamental Médicos sem Fronteiras, partidos comunistas na América Latina ou política externa cubana, independentemente do projeto, a mensagem dela era sempre a mesma: “O nosso desafio será grande, mas animador”. Delicadeza no trato com o estudante, apoio a projetos como esses, o reconhecimento de que ciência é desafio e de que desafiados nos motivamos, mostram a habilidade intelectual da Sonia. E ela estava sempre certa sobre a empreitada que iniciávamos.

Seu jeito amoroso de tratar a todos os alunos e sua postura fizeram com que a Sonia formasse em torno de si uma grande rede de pessoas com forte espírito coletivo. Ela fazia questão de anunciar a chegada de novos integrantes como um ganho para todos. Não queria apenas que nos sentíssemos importantes; ela conhecia o valor do trabalho coletivo. Sem dúvida, nosso sentimento de pertencimento ao grupo foi uma das maiores heranças que nos deixou.

Essa era também uma das tantas maneiras de nos orientar, pois, inúmeras vezes, ideias e sugestões preciosas surgiram coletivamente. Ela fazia grande questão de integrar os orientandos de diferentes níveis e estimular que trocassem experiências.

Táticas da missão que assumiu de incentivar a construção de conhecimento coletivo. E assim, parecendo não fazer esforço, ela iniciou novos projetos, criou eventos e estabeleceu novos grupos de pesquisa, como o CESPRI. Nós, em cada etapa que concluímos com ela, sentimos que participamos de construções de equipes, aprendemos a compartilhar e a fortalecer pessoas em grupo.

Muitos foram os estudantes que tiveram a oportunidade de ser ensinados por ela; mas nós, além disso, tivemos o privilégio da sua orientação. Já conhecíamos a professora, mas, naqueles momentos, passávamos a conhecer a orientadora, a amiga, a pesquisadora e, por que não, uma mãe curiosa.

Tratava cada uma de nossas pesquisas com igual atenção. Estudo de iniciação científica, monografia de graduação, dissertação de mestrado ou tese de doutorado, todos tinham para ela igual importância. Pelo menos, era assim que sentíamos o respeito dela pelos nossos esforços.

Nos primeiros encontros de orientação, ela começava por nos perguntar: “o que você gosta de estudar?” A questão mais simples e mais difícil que você pode ouvir de sua orientadora, pois a resposta nunca está clara para um pesquisador inexperiente. Definir um tema de pesquisa sempre requer muito tempo de discussão, recurso que a Sonia nunca economizou conosco. Apontava todas as ideias, elaborava esqueminhas, e nos entregava a folha no final.

Para ela, estava fora de questão trabalhar sobre algo que não nos proporcionasse prazer e alegria, e ela própria parecia sentir prazer com nossas dúvidas e proposições. Não se tratava de estudarmos o que convinha para a carreira dela, mas de uma busca conjunta por um tema de pesquisa que nos despertasse interesse, que inovasse, criticasse, contribuísse para a ciência e a sociedade.

Ela amava porquês. “Por que você acha isso?”, perguntava com aquela voz doce. Muitas vezes, a conversa sobre os porquês terminava em “vamos perguntar para o Henrique o que ele acha”, seguida de muitas risadas. Esse era também um bom motivo para prolongar nossos encontros até mais tarde, e ela sabia muito bem quando não estávamos bem. O interesse pelos nossos porquês era uma forma de cuidado. Afinal, ela era uma orientadora preocupada também com o bem-estar de seus alunos.

Amável, de inigualável doçura e profunda sabedoria, ela gostava de conversar com seus orientandos em cafés, em restaurantes e, até mesmo, em sua casa. Sonia era cativante também por ser uma ótima ouvinte e excelente conselheira. Preocupava-se profundamente com nossa saúde, via-nos como indivíduos integrais, de corpo, mente e emoções. Era confiante de muitas das nossas angústias, das científicas às do

coração. A cada golinho de café, de vinho, de espumante – ou de cerveja –, conversávamos sobre tudo: faculdade, famílias, amigos, relações de afeto. Ela nos orientava para a vida sem que a gente percebesse. Era mestre, guia, mentora.

Ainda assim, também sabia o tempo de ser rígida. Como acadêmica experiente e observadora e pessoa sábia, conhecia os dramas da vida universitária e sabia que todas nós iríamos passar por eles, mas realizava esforços contínuos para que nossos percursos também fossem feitos de pequenas, constantes e saudáveis realizações. Conquistava orientandos não só pela grande inteligência, mas por seu enorme coração também.

Às vezes, é difícil definir a Sonia como orientadora acadêmica, ela sempre foi mais do que isso. Ela ia muito além do apoio aos estudos, à pesquisa e ao nosso desenvolvimento como indivíduos na coletividade. Ela nos abriu a casa dela, sem criar regras, levou-nos ao país que estudávamos, como Cuba. Ela também nos deu apelidos para evitar errar os nossos nomes – apelidos que ela evitava usar quando o assunto era sério.

Há quem não compreendesse seu estilo liberal – sabemos do gosto das pessoas por autoridade. O fato é que a Sonia definitivamente não se enquadra no perfil clichê de professor universitário e, por isso, foi também muito incompreendida pelos pares. Ela não precisava adotar uma postura dominante para ser respeitada e admirada pelos alunos. Ela acreditava no poder emancipador do conhecimento mais do que na força das hierarquias. Contudo, era muito exigente com seus orientandos e, para ela, o mais importante era ser justa.

Termos sido orientadas pela Sonia ao longo de nossas pesquisas de graduação, mestrado e doutorado foi um grande privilégio. Por tudo que ela representou na vida de cada uma de nós, somos muito gratas. Nós e todos os seus alunos carregam, em si, aprendizado imensurável e preciosos ganhos. Era uma professora de vocação, talento e paixão por ensinar e contribuir para a educação e a formação de cada um de nós.

Ela era uma mulher de muitas ideias. Muitas foram concretizadas, e outras tantas estamos nos esforçando para realizar, mas o mais importante agora é que o legado dela, as pessoas que ela transformou e formou, transmitam o que ela construiu e deem continuidade às suas ideias. Ela nos fez acreditar em uma academia humanizada e colaborativa e nos fez compreender a luta em sociedade.

Sentimos a sua presença porque uma pessoa que nos toca, como a Sonia, deixa efeitos para sempre em nossas vidas, mantém-se nas nossas memórias. No entanto, sabemos que um café no Bar da Beta, na UFRGS, não terá mais o pedido de

sempre: “uma água, um carioquinha e um quindim com duas colheres para dividirmos”.

■ Ana Paula Fraga é Mestranda no Programa Pós-Graduação em Ciência Política da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

■ Carla Mendonça é Doutora em Ciências Sociais, pela Universidade de Brasília.

■ Luana Isabelle Beal é Mestranda no Programa Pós-Graduação em Ciência Política da UFRGS.

■ Marielli Bittencourt é Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Ciência Política da UFRGS.

Um projeto a continuar...

Marcello Baquero

A tendência histórica do processo de construção democrática envolve fundamentalmente a incorporação igualitária dos diferentes setores de uma sociedade aos benefícios do desenvolvimento econômico de um país. No âmago do conceito de democracia está a soberania da polis, a garantia de participação dos cidadãos em eleições e o seu direito de livremente ter a oportunidade de influenciar seus representantes eleitos na busca de igualdade e oportunidades econômicas. Alcançar este objetivo muitas vezes esbarra, tanto nas sociedades avançadas quanto nas emergentes, na forma como se materializa o envolvimento político e a qualidade das instituições disponíveis para canalizar essa participação.

A abordagem tradicional sobre participação política vista sob a perspectiva da democracia representativa sempre se circunscreveu à dimensão eleitoral. O foco era e é o cidadão enquanto eleitor. Para algumas versões da teoria democrática liberal, notadamente aquelas que seguem as premissas de Schumpeter, a participação mediante o voto é a única atividade necessária para o bom funcionamento da democracia. Nessa perspectiva, a institucionalização do sufrágio universal resolve a principal demanda da democracia, ou seja, quem tem o direito a participar da vida política.

Tal perspectiva se tornou dominante na política comparada desde a década de 1950, e em duas fases denominadas de paroquial e universal. Na primeira, a comparação estava ausente e, na segunda, a comparação se expandiu para outras sociedades em diferentes contextos, buscando metodologicamente diferenças e semelhanças entre distintos países. O problema da dimensão universal da política comparada residia na imposição de um tipo de modelo de democracia como sendo aplicável a qualquer sociedade, independentemente do seu contexto. Passou-se, portanto, a considerar como modelo de participação política a experiência das democracias ocidentais. Em consequência, negligenciou-se o estudo de países com tradição totalitária ou autoritária. Sugeria-se, portanto, que a aplicação do modelo ocidental de democracia liberal evoluiria naturalmente para gerar melhores sociedades.

As abordagens mais recentes de caráter comparativo têm tentado resolver esse problema apontando a necessidade de resgatar, na análise comparativa, o papel da história e das características culturais de cada país, com o objetivo de desenhar e implementar democracias que transcendam a dimensão eleitoral e incorporem características peculiares de cada país. Não há, portanto, um modelo de democracia universal e, sim, um processo de construção democrática, no qual a trajetória e a história de cada país têm um papel determinante.

Nesta breve retrospectiva a respeito da caminhada democrática num sentido amplo, quero registrar o papel da minha amiga e colega Sonia Ranincheski na identificação da história enquanto conceito central para entender as vicissitudes e obstáculos que o Brasil enfrentou e enfrenta no seu fortalecimento democrático, não só na dimensão procedural, mas nos aspectos sociais e econômicos. A sua dissertação de mestrado, que tive o privilégio de orientar, intitulada *Reforma de Estado no Governo Collares: um governo de centro-esquerda em um ambiente neoliberal*, além de analisar os conflitos inerentes às ações de um governo num ambiente de oposição hostil, examinava os aspectos históricos que contribuíram para a construção de uma cultura política institucional híbrida e pouco promissora para o fortalecimento democrático institucional do Estado do Rio Grande do Sul.

O convívio ao longo dos anos com Sonia fortaleceu nossa amizade. Ao mesmo tempo, profissionalmente, debatíamos, no meio acadêmico, possibilidades de colaboração acadêmica que sintetizassem as nossas convergências e divergências. Nesta empreitada, o amigo e colega Henrique de Castro completava o triângulo virtuoso e que se materializou em dois artigos publicados nos quais se entrelaçam nossas ideias a respeito de (1) uma democracia inercial e a formação da cultura política no Brasil e (2) a relação entre esse tipo de democracia e a desconfiança dos cidadãos dos partidos políticos. Nossos encontros *in loco* ou a distância no desenvolvimento dos artigos foram sempre de mútua aprendizagem. Como colega, Sonia sempre foi precisa e contundente nas suas colocações, o que era combinado com uma forma gentil e respeitosa.

A nossa principal preocupação nesses artigos era ir além de diagnósticos reativos a respeito da caminhada democrática do Brasil, tendo como objetivo central encontrar alternativas viáveis de superação dos obstáculos historicamente existentes e que atrasaram, na nossa opinião, o fortalecimento democrático no país. Consideramos que um dos problemas centrais no país é a existência de uma democracia inercial, cuja principal característica é a assimetria entre desenvolvimento

econômico e desenvolvimento de uma cultura política participativa, tendo como resultado uma profunda desconfiança das pessoas em relação às instituições políticas, pontualmente os partidos políticos.

Nesse contexto, a evidência histórica mostra que a democracia liberal representativa, por não levar em conta ou por considerar secundária a dimensão social, entrou num processo de estagnação democrática ou inercial onde se reproduzem práticas políticas deletérias para a democracia na sua dimensão social. Desse modo, a ideia de que a emulação ou transferência de modelos universais de democracia para um país como o nosso estão fadados ao fracasso, uma vez que desconsideram o tipo de cultura política existente.

Pretendíamos dar continuidade a essa pesquisa incorporando características “novas” do cenário político atual, entre as quais destacamos o surgimento da sociedade de conhecimento, a quarta revolução industrial, o desenvolvimento tecnológico acelerado dos meios de comunicação, da Internet e das redes sociais e o seu impacto no tipo de cultura política que emerge no Brasil. Junto com o Professor Henrique continuaremos nesse empreendimento teórico analítico, mas será inevitável sentir falta das ponderações qualificadas da nossa querida colega Sonia.

Particularmente sempre recordarei de Sonia como uma amiga leal, colega qualificada e ser humano com muita bondade.

■ Marcello Baquero é Professor Titular do Programa de Pós-Graduação em Ciência Política da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Coordenador do Núcleo de Pesquisa sobre América Latina (NUPESAL).